



Relatório “Pibic em números”: O Programa Institucional de bolsas de iniciação científica: sua trajetória recente

Brasília, DF
2014

Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

Presidente

Mariano Francisco Laplane

Diretor Executivo

Marcio de Miranda Santos

Diretores

Antonio Carlos Filgueira Galvão

Gerson Gomes

Relatório "Pibic em números": O Programa Institucional de bolsas de iniciação científica: sua trajetória recente. Projeto: A Formação de Novos Quadros para CT&I: A Trajetória Profissional dos Egressos do Programa Pibic. In: Recursos Humanos para CT&I. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2014.

69 p.: il. . (incluindo anexos)

1. Iniciação Científica. 2. Ensino Superior Brasileiro - Pibic. 3. Bolsista – Pibic/Pibiti. I. CGEE. II. Título.

Centro de Gestão e Estudos Estratégicos - CGEE
SCS Qd 9, Lote C, Torre C
Ed. Parque Cidade Corporate - salas 401 a 405
70308-200 - Brasília, DF
Telefone: (61) 3424.9600
Fax. (61) 3424.9659
<http://www.cgee.org.br>

Este relatório é parte integrante das atividades desenvolvidas no âmbito do 2º Contrato de Gestão CGEE – 7º Termo Aditivo/Atividade: Recursos Humanos para CT&I - Projeto: A Formação de Novos Quadros para CT&I: A Trajetória Profissional dos Egressos do Programa Pibic - 51.31.80.1/MCTI/2014.

Todos os direitos reservados pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). Os textos contidos neste relatório poderão ser reproduzidos, armazenados ou transmitidos, desde que citada a fonte.

Projeto: A Formação de Novos Quadros para CT&I: A Trajetória Profissional dos Egressos do Programa Pibic

Relatório “Pibic em números” - O Programa Institucional de bolsas de iniciação científica: sua trajetória recente

Supervisão

Antonio Carlos Filgueira Galvão

Consultora

Elizabeth Balbachevsky

Equipe técnica do CGEE

Sofia Cristina Adjuto Daher Aranha (Coordenação)

Tomáz Back Carrijo

Leonardo Oliveira Goes Cella

José Salomão Oliveira Silva

SUMÁRIO

1. Origens do programa e especificidades do seu desenho institucional:	7
2. A evolução recente do programa:	10
3. A Evolução do Pibic frente às transformações do ensino superior brasileiro:	22
4. Conclusão:.....	29
5. Próximas etapas.....	30
Anexo Estatístico	34
Bolsistas	34
Tabela 1.0.1 - Número de bolsistas por tipo de bolsa recebida e ano do programa.....	34
Tabela 1.0.2 - Distribuição percentual dos bolsistas segundo o tipo de bolsa recebido por ano do programa.....	34
Tabela 1.0.3 - Taxas de crescimento ano a ano do número de bolsistas segundo o tipo de bolsa recebida	35
Pibic.....	35
Tabela 1.1.1 - Número total de bolsistas do Pibic por ano e UF.....	35
Tabela 1.1.2 - Distribuição percentual do número de bolsistas do Pibic por ano e UF	36
Tabela 1.1.3 - Taxas de crescimento ano a ano do número de bolsistas de Pibic segundo a UF.	37
Tabela 1.1.4 - Número total de bolsistas do Pibic por ano e região	38
Tabela 1.1.5 - Distribuição percentual do número de bolsistas do Pibic por ano e região	38
Tabela 1.1.6 – Taxas de crescimento ano a ano do número de bolsistas do Pibic , região. ...	39
Tabela 1.1.7 - Número total de bolsistas do Pibic por ano do programa e grande área do conhecimento	39
Tabela 1.1.8 - Distribuição percentual de bolsistas do Pibic por grande área do conhecimento por ano do programa	40
Tabela 1.1.9 - Taxas de crescimento ano a ano do número de bolsistas de Pibic segundo a grande área do conhecimento.....	41
Tabela 1.1.10 - Número de bolsistas do Pibic por sexo e ano do programa.....	42
Tabela 1.1.11 - Distribuição percentual de bolsistas do Pibic por sexo e ano do programa	42
Tabela 1.1.12 - Número total de bolsistas do Pibic, por ano do programa, sexo e grande área do conhecimento	43
Tabela 1.1.13 - Distribuição percentual de bolsistas do Pibic, por ano do programa, sexo e grande área do conhecimento.....	45
Tabela 1.1.14 - Número de bolsistas do Pibic por categoria administrativa e região da IES... ..	46
Tabela 1.1.15 - Número de bolsistas do Pibic por categoria administrativa e região da IES....	47

Pibiti	48
Tabela 1.2.1 - Número total de bolsistas do Pibiti por ano e UF	48
Tabela 1.2.2 - Distribuição percentual do número de bolsistas do Pibiti por ano e UF	49
Tabela 1.2.3 - Número total de bolsistas Pibiti por ano e região.....	49
Tabela 1.2.4 - Distribuição percentual do número de bolsistas do Pibiti por ano e região.....	50
Tabela 1.2.5 – Taxa de crescimento do número de bolsistas do Pibiti por ano e região	50
Tabela 1.2.6 - Número total de bolsistasdo Pibiti por ano do programa e grande área do conhecimento	50
Tabela 1.2.7 - Distribuição percentual de bolsistas do Pibiti segundo a grande área do conhecimento por ano do programa.....	51
Tabela 1.2.8 - Número de bolsistas do Pibiti por sexo e ano do programa.....	51
Tabela 1.2.9 - Distribuição percentual de bolsistas do Pibiti por sexo e ano do programa	51
Tabela 1.2.10 - Número de bolsistas por categoria administrativa da IES	52
Bolsas-ano.....	52
Tabela 2.0.1 - Número total de bolsas-ano por ano e tipo de bolsa	52
Tabela 2.0.2 - Taxas de crescimento ano a ano do número total de bolsas-ano por tipo de bolsa recebido.....	53
Pibic.....	54
Tabela 2.1.1 - Número total de bolsas-ano do Pibic por ano e UF	54
Tabela 2.1.2 - Número total de bolsas-ano do Pibic por ano e região	55
Tabela 2.1.3 - Número total de bolsas-ano Pibic por ano e grande área do conhecimento	55
Tabela 2.1.4 - Número total de bolsas-ano do Pibic por ano e sexo	56
Tabela 2.1.5 - Número de bolsas-ano Pibic por categoria administrativa da IES	56
Tabela 2.1.6 - Número de bolsas-ano por categoria administrativa e região da IES.....	57
Tabela 2.1.7 - Número de bolsas-ano por categoria administrativa e região da IES.....	58
Tabela 2.1.8 - Distribuição do número de bolsas-ano dos Programas Pibic e Pibiti por grandes áreas do conhecimento, 2001 e 2013.....	59
Pibiti	60
Tabela 2.2.1 - Número total de bolsas-ano do Pibiti por ano e UF.....	60
Tabela 2.2.2 - Número total de bolsas-ano do Pibiti por ano e região	61
Tabela 2.2.3 - Número total de bolsas-ano do Pibiti por ano e grande área do conhecimento	61
Tabela 2.2.4 - Número total de bolsas-ano do Pibiti por ano e sexo.....	62
Tabela 2.2.5 - Número de bolsas-ano do Pibiti por categoria administrativa da IES.....	62
Outras Informações	63

Rotatividade.....	63
Tabela 3.0.1 - Indicador de rotatividade anual do Pibic	63
Tabela 3.0.2 - Indicador de rotatividade anual do Pibic por UF.....	63
Tabela 3.0.3 - Indicador de rotatividade anual do Pibic por região do Pibic	64
Tabela 3.0.4 - Número total de matrículas de mestrado por ano e região	65
Matrículas de Graduação.....	66
Tabela 3.1.1 - Matrículas em cursos de graduação presenciais por grande área do conhecimento	66
Tabela 3.1.2 - Matrículas em cursos de graduação presenciais por regiões e unidades da federação do Brasil	66
Tabela 3.1.3 - Matrículas em cursos de graduação presenciais por grande área do conhecimento e categoria administrativa da IES.....	67
Tabela 3.1.4 - Matrículas em cursos de graduação presenciais por grande área do conhecimento e categoria administrativa da IES.....	68
Tabela 3.1.5 - Número de bolsas Pibic por mil matriculados na graduação por grande área do conhecimento	69
Tabela 3.1.6 - Número de bolsas por mil matriculados na graduação por grande área do conhecimento	69
Tabela 3.1.7 - Número de bolsas Pibic por mil matriculados na graduação por Unidade da Federação.....	70

1. Origens do programa e especificidades do seu desenho institucional:

A concessão de bolsas de iniciação científica (IC), focadas no aluno de graduação e voltadas para criar oportunidades para que esse estudante vivencie, em primeira mão, a pesquisa e a produção de conhecimento, é bastante antiga. MARCUSCHI (1996) lembra que a concessão de bolsas dessa natureza foi prática corrente do CNPq desde sua fundação, nos anos 50. No período inicial, o número de bolsas dessa natureza era bastante restrito e sua concessão e supervisão ficava ao cargo do pesquisador responsável por uma pesquisa apoiada pelo CNPq. A partir de meados dos anos 70, com a criação dos Comitês Assessores (CAs), o volume dessas bolsas cresceu e sua concessão passou a seguir trâmites semelhantes aos adotados para as demais bolsas: elas eram concedidas mediante o julgamento de mérito das propostas apresentadas individualmente pelos candidatos, considerando também o perfil do orientador. Nos anos 80, o volume de bolsas concedidas pelo CNPq experimentou uma expansão considerável, em grande parte, como resposta à crise fiscal que se abateu sobre o setor público brasileiro naqueles anos. Naquele período, a concessão de bolsas de IC foi atrelada à concessão de apoio a Projetos Integrados, sob a coordenação de pesquisadores com reconhecida experiência. No novo formato de concessão, conhecido como atendimento “de balcão”, a atribuição das bolsas de IC volta a ficar sob a discricão do pesquisador coordenador do projeto, responsável pela indicação do bolsista, e sua eventual substituição, e a supervisão de seu trabalho.

No final dos anos oitenta, o CNPq rearticulou as bolsas de iniciação científica dentro de um novo programa assentado no desenvolvimento de uma articulação mais estreita com as universidades. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, Pibic foi lançado como uma nova modalidade de Iniciação Científica, mas rapidamente se fortaleceu e tornou-se o principal programa de iniciação científica do CNPq. Os objetivos gerais do programa Pibic, propostos à época de sua concepção, e que permanecem atuais, são:

- 1) despertar vocação científica e incentivar novos talentos entre estudantes de graduação;
- 2) contribuir para reduzir o tempo médio de titulação de mestres e doutores;
- 3) contribuir para a formação científica de recursos humanos que se dedicarão a qualquer atividade profissional;
- 4) estimular uma maior articulação entre a graduação e pós-graduação;
- 5) contribuir para a formação de recursos humanos para a pesquisa;
- 6) contribuir para reduzir o tempo médio de permanência dos alunos na pós-graduação.
- 7) estimular pesquisadores produtivos a envolverem alunos de graduação nas atividades científica, tecnológica e artístico-cultural;

8) proporcionar ao bolsista, orientado por pesquisador qualificado, a aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa, bem como estimular o desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade, decorrentes das condições criadas pelo confronto direto com os problemas de pesquisa; e

9) ampliar o acesso e a integração do estudante à cultura científica.

O Pibic apresentou uma grande inovação no seu desenho, em particular no que diz respeito à criação de canais de comunicação propriamente institucionais, ligando o CNPq e as Instituições de ensino superior e de pesquisa. Na nova modalidade, as bolsas seriam distribuídas através de cotas atribuídas a cada instituição de ensino superior (IES) ou de pesquisa (IPqs). As autoridades centrais dessas instituições ficavam encarregadas de selecionar propostas, orientadores e bolsistas, seguindo critérios estabelecidos pelo CNPq e contando com o apoio e orientação de Comissões de Avaliação (CA). Os CAs contavam com a participação de membros externos à instituição, escolhidos entre pesquisadores com reconhecida experiência e produção científica. A nova modalidade inaugurou um novo formato de interação do CNPq com as IES e IPqs. Desde sua primeira regulamentação, o Pibic demandou um envolvimento direto da Instituição, atribuindo responsabilidades claras tanto às Pró-Reitorias, como aos Comitês, organizados no interior das instituições, responsáveis por implementar os processos de seleção de propostas, distribuição das bolsas, e avaliação dos resultados obtidos. O modelo de avaliação dos resultados também é inédito, com a organização de eventos para apresentação dos resultados obtidos pelos bolsistas e avaliação externa de todo o processo e seus resultados.

No novo formato institucional, o Pibic alcançou estabilidade e resultados bastante significativos. As duas avaliações já produzidas pelo programa (MARCUSCHI, 1996 e NESUB, 1999), coincidem em apontar os resultados relevantes alcançados pelo Programa. Nos anos 90, ele viabilizou uma expansão sem precedentes no número de bolsas de IC; alcançou uma distribuição regional expressiva, contribuindo para combater as tradicionais desigualdades regionais que marcam o acesso ao fomento de Ciência e Tecnologia; gerou um poderoso instrumento de indução da pesquisa, especialmente nas instituições onde a pesquisa era pouco consolidada; alavancou o envolvimento propriamente institucional das IES com a atividade de pesquisa, dando voz ativa para a direção na definição de prioridades e articulação de linhas de pesquisa.

Do ponto de vista do pesquisador, o Pibic estimulou o seu envolvimento com a graduação, o desenvolvimento de áreas interdisciplinares e, em muitas instituições, ampliou os recursos disponibilizados para a pesquisa. Nas instituições emergentes, o acesso ao programa deu visibilidade e estímulo, valorizando o envolvimento do docente com a pesquisa. Nas instituições maduras, ele criou estímulos para uma aproximação entre a graduação e a pós-graduação.

Do ponto de vista do aluno, as avaliações apontam ganhos associados à uma maior integração entre as atividades de pesquisa e o ensino de graduação; uma motivação para os alunos perseguirem um bom rendimento escolar (condição para o acesso à bolsa) e oportunidades para a disseminação do *ethos* da pesquisa e do pensamento crítico.

Finalmente, as duas avaliações concorrem para apontar os ganhos que o programa trouxe para a pós-graduação. Em particular, o estudo realizado em 1999 apresenta evidências convincentes que indicam que, naquela época, as chances de um graduando com bolsa Pibic no ano de sua formatura chegar ao mestrado eram de quase 37%. Esse resultado é muito significativo, pois naquela época estimava-se que a probabilidade de um concluinte da graduação alcançar o mestrado era de cerca de 6%.

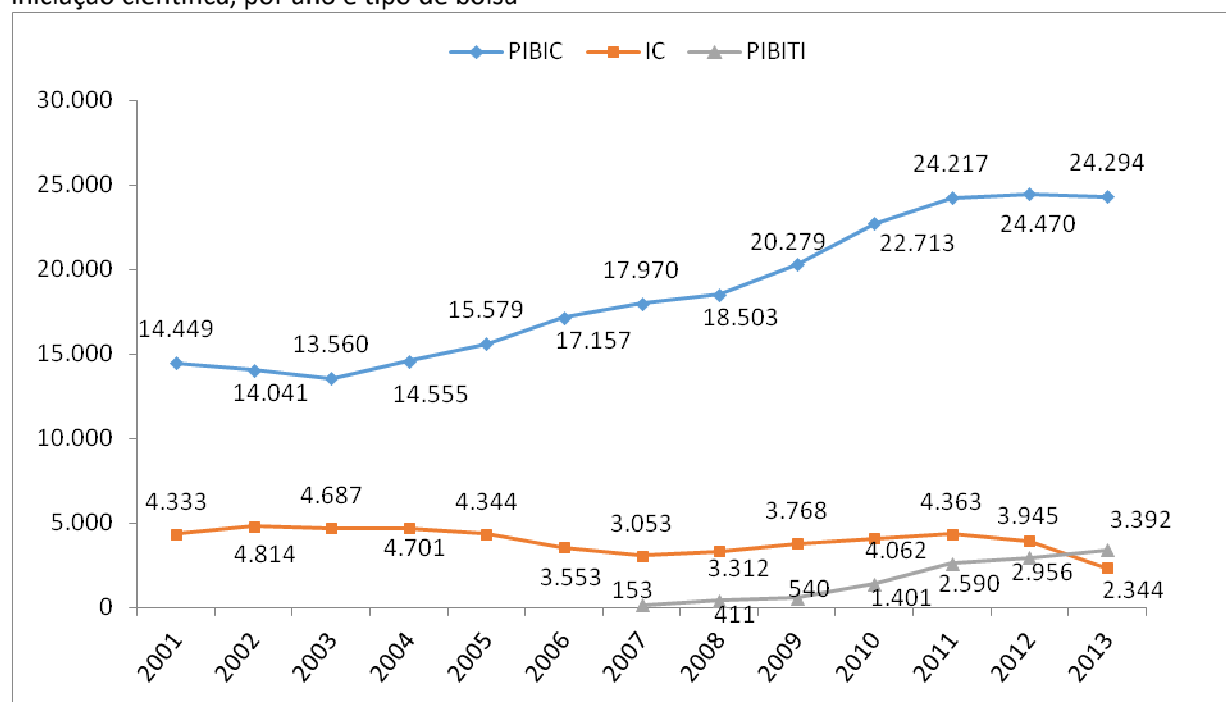
Esse estudo também traz conclusões relevantes, que são consistentes com a hipótese de que a bolsa de iniciação tenha efeitos de longo prazo, diminuindo o tempo para a conclusão do mestrado e reduzindo significativamente as chances de fracasso e desistência do mestrado.

Esses resultados mostram que o Pibic foi, de fato, um programa exitoso. Ele criou, pela primeira vez, instrumentos eficientes para a indução de políticas institucionais de pesquisa no âmbito das IES, ampliou a interface entre graduação e pesquisa, e consolidou uma demanda para a pós-graduação, aumentando o fluxo de estudantes da graduação para o mestrado, além de contribuir para diminuir o tempo de formação no mestrado. Ao longo dos anos, a institucionalização e visibilidade que o programa alcançou produziram outros resultados que, embora não possam ser dimensionados com precisão, precisam ser mencionados. Em primeiro lugar, o exemplo do Pibic deu visibilidade e relevância para a iniciação científica no âmbito do ensino superior brasileiro. Essa visibilidade produziu um efeito demonstração importante, que redundou no crescimento da oferta de bolsas dessa modalidade, tanto no âmbito das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (FAPs), como no âmbito das próprias instituições. Dessa maneira, a exposição dos estudantes brasileiros ao ambiente de pesquisa cresceu significativamente ao longo das duas últimas décadas.

2. A evolução recente do programa:

Dos anos noventa para o presente, o Pibic se consolidou com o um programa permanente do CNPq, envolvendo todas as unidades da federação, dezenas de instituições de ensino e pesquisa, milhares de alunos e orientadores e um grande volume de recursos financeiros. Também dos anos noventa até o presente, o próprio ensino superior brasileiro se expandiu e mudou significativamente. Os dados coletados na plataforma Aquarius (CGEE/MCTI) permitem avaliar as dimensões que o programa alcançou a partir do início desse novo século. O gráfico 2.1, abaixo, elaborado a partir desses dados, mostra a evolução recente do programa, quando comparada com outras modalidades de bolsa de iniciação científica ofertadas pelo CNPq:

Gráfico 2.1 – Número total de bolsas-ano ofertadas pelo CNPq em diferentes modalidades de iniciação científica, por ano e tipo de bolsa



Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração do Núcleo de RHCTI do CGEE

Como se pode verificar, já no início da série, o volume de bolsas-ano ofertadas dentro do programa Pibic representavam 77% do total de bolsas na modalidade de iniciação científica ofertadas pelo CNPq. De lá para cá, o programa se consolidou, e hoje representa 81% da modalidade de bolsas de Iniciação Científica sob a responsabilidade do CNPq. No mesmo período, a oferta de bolsas de IC na modalidade tradicional experimentou uma queda de 46%, passando de um total de 4.333 bolsas-ano em 2001 para 2.344 em 2013.

Por outro lado, o período que estamos considerando foi também marcado pela emergência de uma nova modalidade de bolsa de iniciação, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação, Pibiti. Essa nova modalidade de bolsa visa proporcionar a aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa tecnológica, bem como estimular o envolvimento do bolsista com problemas relacionados com a inovação tecnológica. Como se vê, o novo programa busca dar uma resposta específica às necessidades de formação de profissionais comprometidos com a questão da inovação, um dos temas centrais da política de Ciência, Tecnologia e Inovação brasileira no novo Milênio. O Pibiti teve início em 2007, quando foram concedidas as primeiras 153 bolsas nessa modalidade. Sua primeira inflexão ocorreu três anos depois, em 2010, quando foram concedidas 1.401 bolsas nessa modalidade. Três anos depois, em 2013, o volume de bolsas concedidas na modalidade Pibiti já havia crescido 142%, alcançando a marca de 3.392 bolsas concedidas no ano. Em 2013, no último ano para o qual temos dados coletados, a distribuição das bolsas de iniciação do CNPq, por modalidade, era a seguinte: 81% das bolsas foram concedidas dentro do programa Pibic, 11,2% foram concedidas dentro do novo programa Pibiti, e 7,8% foram concedidas sob a modalidade IC tradicional.

As regras do Pibic, da mesma forma que outras modalidades de iniciação científica, sempre permitiram que o bolsista renovasse sua bolsa, quando o trabalho de pesquisa assim o exigisse. Dessa forma, uma primeira questão que se coloca para a análise é a duração da experiência de estágio de pesquisa proporcionada pelos programas de iniciação científica do CNPq. Essa informação está detalhada, por região, na tabela 2.1, abaixo. É importante notar que uma mesma bolsa concedida pelo CNPq pode ser utilizada por mais de um bolsista no decorrer de um ano. Assim o número de bolsistas é maior do que o de bolsas-ano.

Tabela 2.1 - Distribuição percentual dos bolsistas de Iniciação Científica em relação ao número de meses que receberam a bolsa, no período de 2001 a 2013

	Até 6 meses (%)	De 6 a 12 meses (%)	De 12 a 18 meses (%)	De 18 a 24 meses (%)	Mais 24 meses (%)	Total de indivíduos (N)
Brasil	20,42	43,81	11,19	14,75	9,84	263.997
Centro-Oeste	20,89	47,55	9,74	14,55	7,27	23.573
Nordeste	19,45	44,05	10,22	15,92	10,35	53.568
Norte	20,51	44,96	10,10	15,40	9,03	13.542
Sudeste	20,08	44,66	11,43	14,35	9,48	123.715
Sul	22,06	39,31	12,60	14,38	11,65	49.599

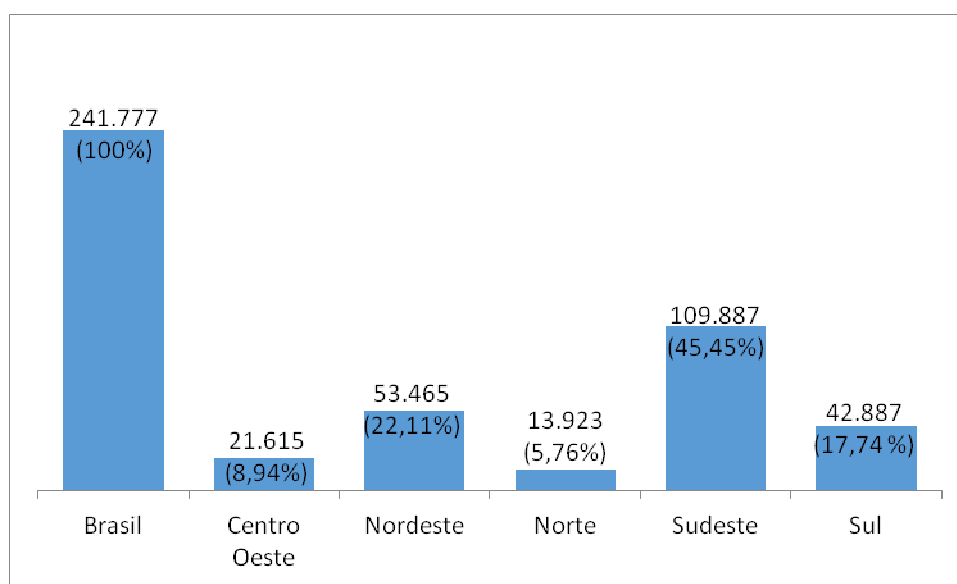
Nota: abrange bolsas IC, Pibic e Pibiti. Cada indivíduo foi computado apenas uma vez.

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração do Núcleo de RHCTI do CGEE

Na tabela, verificamos que entre 2001 e 2013, os programas de iniciação científica do CNPq atenderam 263.997 estudantes. Para 20,4%, o estágio de pesquisa durou até seis meses, enquanto que para 43,8%, a experiência com pesquisa se estendeu por um período maior do que seis meses, até um ano. Finalmente, 35,8% dos bolsistas tiveram uma experiência de pesquisa que se estendeu por mais de um ano. Não é possível saber em que medida esses estudantes foram também beneficiados com bolsas de outras origens (Fundações de Amparo à Pesquisa - FAP, bolsas da própria instituição de ensino superior etc) ao longo de sua formação. Entretanto, os dados da tabela mostram que para a grande maioria dos estudantes (79,6%), a iniciação às práticas da pesquisa se estendeu por mais de 6 meses ao longo do curso de graduação, representando uma vivência significativa com o mundo da pesquisa, proporcionada pelas bolsas de IC do CNPq.

O gráfico 2.2, abaixo, mostra a distribuição de bolsas-ano que o programa Pibic ofertou entre 2001 e 2013, por região do Brasil.

Gráfico 2.2 - Distribuição de bolsas-ano Pibic, entre 2001 e 2013, por região

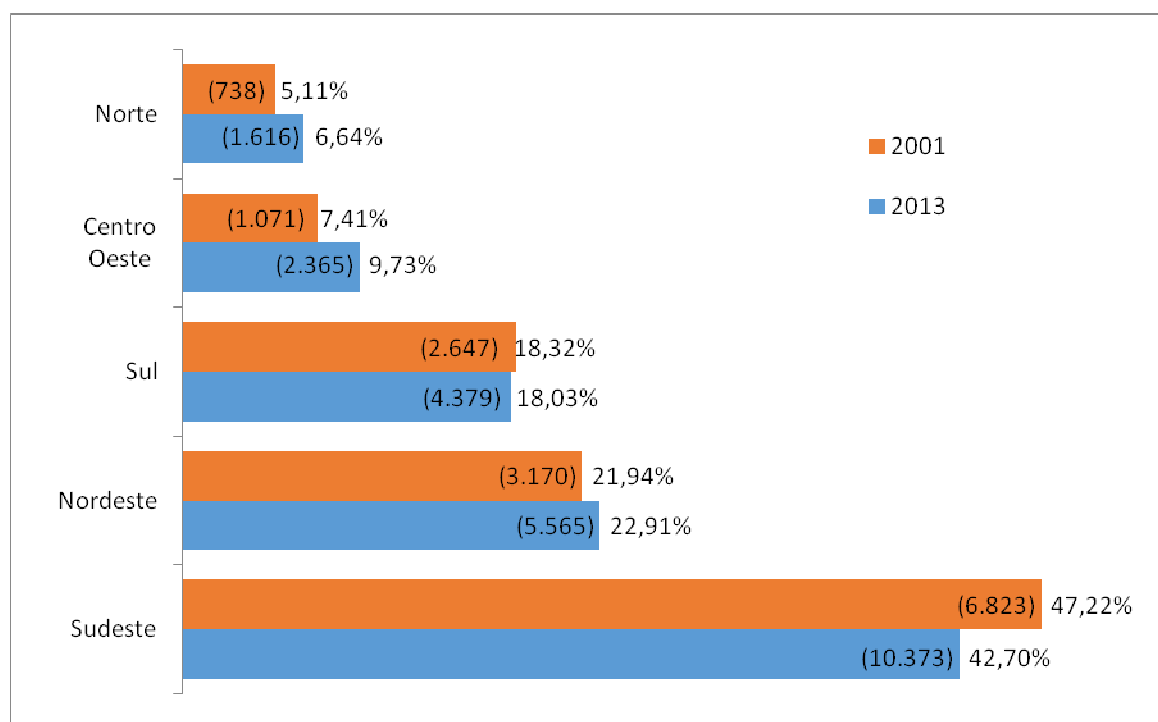


Nota: A informação sobre a região/UIF não estava disponível em 9 ocorrências

Nesse gráfico vemos que 45,4% das bolsas-ano concedidas pelo programa, entre 2001 e 2013, destinaram-se à região sudeste (109.887 bolsas-ano). Outras 22,1% foram destinadas a IES da região nordeste (53.465 bolsas), e 17,7% para a região sul (42.887 bolsas). Ainda outros 8,9% das bolsas-ano foram para a região centro-oeste (21.615 bolsas), e, finalmente, 5,7% para a região norte (13.923 bolsas).

O gráfico 2.3, abaixo, permite verificar a variação da distribuição geográfica das bolsas-ano distribuídas dentro do programa Pibic considerando dois momentos no tempo: 2001 e 2013. Esse exercício permite captar as dinâmicas que presidiram essa distribuição nos dois momentos.

Gráfico 2.3 - Participação percentual das bolsas-ano do Pibic nas regiões



Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração do CGEE

Como é possível verificar nesse gráfico, a região sudeste sempre concentrou a maior proporção de bolsas. Entretanto, sua participação relativa caiu no período considerado, mesmo tendo um crescimento absoluto superior às demais regiões (mais de 3.000 bolsas). Em 2001, 47,2% das bolsas concedidas pelo programa estavam nessa região. Em 2013, essa proporção caiu para 42,7%. Por outro lado, é possível notar um crescimento na participação da região centro-oeste, de 7,4% em 2001, para 9,7% em 2013 da região norte de 5,1% para 6,6%. A região nordeste cresceu 1% e a participação da região sul permaneceu praticamente inalterada. Apesar de ser observada uma desconcentração regional de 5%, o panorama nacional não sofreu uma mudança considerável.

Embora esses resultados ainda possam sugerir uma situação de privilégio para os estudantes na região sudeste, a análise da distribuição de bolsas-ano pelo total de estudantes atendidos pelo ensino superior em cada região mostra um resultado distinto. A tabela 2.2, abaixo, permite estimar o número de bolsas-ano para cada mil alunos matriculados em cursos de graduação presencial, por região.

Tabela 2.2 - Número de bolsas-ano Pibic por 1.000 matrículas em cursos presenciais de nível superior, por região, 2001 - 2013

região	Matriculas no Ensino Superior		Bolsas-ano Pibic		Bolsas por 1.000 Matrículas	
	2001	2013	2001	2013	2001	2013
Brasil	3.030.754	6.152.405	14.449	24.294	4,77	3,95
Norte	141.892	423.565	738	1.613	5,20	3,81
Nordeste	460.315	1.287.552	3.170	5.565	6,89	4,32
Sudeste	1.566.610	2.903.089	6.823	10.373	4,36	3,57
Sul	601.588	962.684	2.647	4.379	4,40	4,55
Centro-Oeste	260.349	575.515	1.071	2.365	4,11	4,11

Fontes: MEC, Censo do Ensino Superior (2001-2013) e Plataforma Aquarius MCT/CGEE, elaboração Núcleo RHCTI/CGEE

Nota-se nessa tabela o forte crescimento das matrículas no ensino superior entre 2001 e 2013 (da ordem de 102%). A oferta de bolsas dentro do Programa Pibic não conseguiu acompanhar esse crescimento, crescendo 68%. Em 2001, havia 4,8 bolsas-ano Pibic para cada mil estudantes matriculados, e em 2013, essa proporção abaixou para 3,9. Para que o número de bolsas Pibic acompanhasse o crescimento das matrículas no ensino superior em 2013 teriam que existir 29.331 bolsas (5.037 bolsas a mais). Seguindo essa mesma lógica, a variação dessa proporção no interior de cada região também se alterou entre 2001 e 2013. Em 2001, a região mais bem atendida pelo programa era a região nordeste, com 6,9 bolsas-ano para cada mil matrículas. Em seguida vinha a região norte, com 5,2 bolsas-ano para cada mil matrículas e a região sul, com 4,4 bolsas para cada mil matrículas. A região sudeste vinha em quarto lugar, com 4,36 bolsas para cada mil alunos matriculados e, na pior situação estava a região centro-oeste, com 4,1 bolsas para cada mil matrículas.

Em 2013 as diferenças entre as regiões diminuem, e a região sul passa a frente das demais, com 4,55 bolsas por mil matrículas. A região nordeste continua bem posicionada, agora em segundo lugar, mas a proporção de bolsas por mil matrículas cai de 6,89 para 4,32. A região centro-oeste passa a ocupar a terceira posição, mantendo 4,1 bolsas para cada mil matrículas. Em seguida está a região norte, com 3,8 bolsas por mil matrículas e, finalmente, na última posição, está a região sudeste, com 3,6 bolsas para cada mil matrículas na graduação.

Como se vê, a impressão inicial de que haveria uma grande concentração de bolsas Pibic na região sudeste não se sustenta. O grande número de bolsas na região se explica pelo volume de matrículas no ensino superior nessa região. Controlada essa variável, a proporção de bolsas Pibic nessa região é

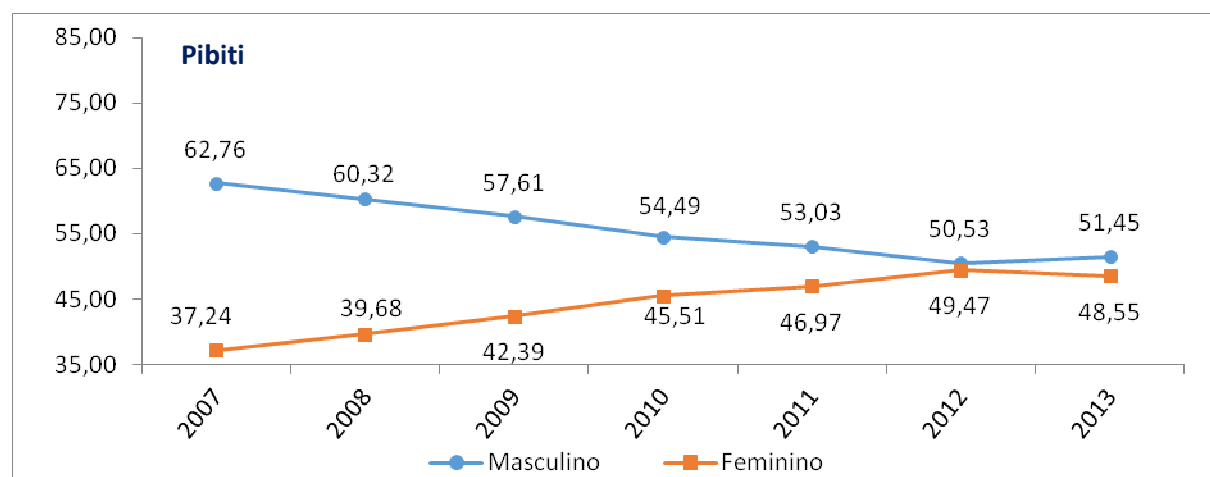
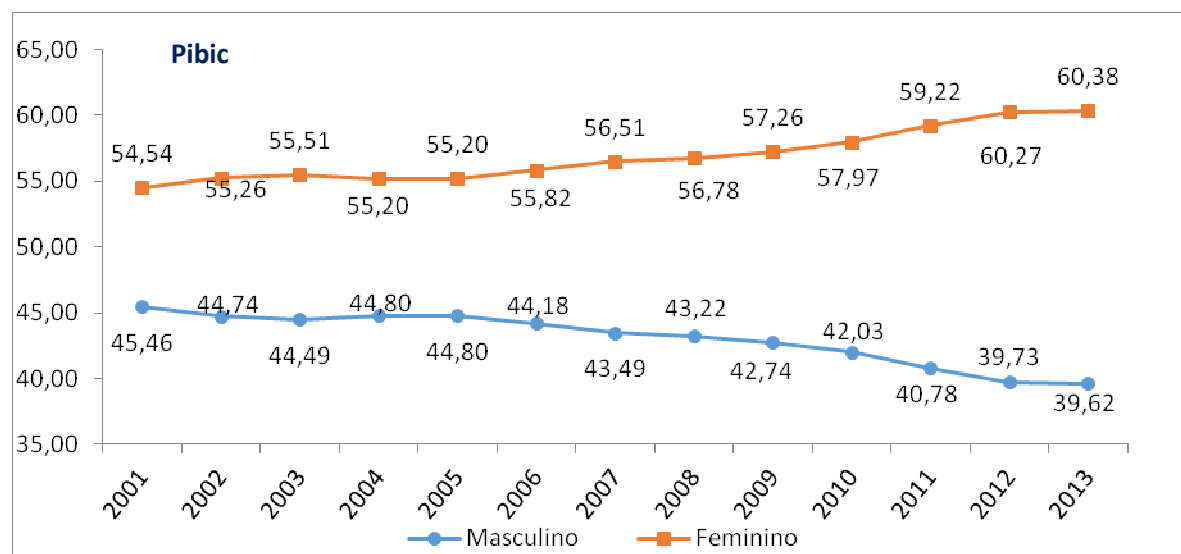
a menor dentre todas as regiões. Comparando-se os resultados para 2001 e 2013, tem-se uma tendência à homogeneização na cobertura do programa nas diferentes regiões, sendo o Sul e Centro Oeste as únicas que conseguiram expandir o número de bolsas Pibic na mesma razão que o número de matrículas.

Por outro lado, embora a cobertura global do Programa tenha diminuído um pouco entre 2001 e 2013, é preciso considerar o tremendo efeito demonstração que ele teve em todas as instituições de ensino superior, tanto no setor privado como no setor público. O sucesso do programa e sua grande visibilidade popularizaram a bolsa de iniciação científica e alavancaram programas da mesma natureza na maior parte dos estados e dos próprios estabelecimentos de ensino superior. Embora o programa Pibic atenda cerca de 4 estudantes para cada mil matriculados na graduação, uma pesquisa realizada pelo Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior do Estado de São Paulo, divulgada pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), indicava que pouco mais de um terço, 37,4%, dos estudantes de ensino superior no Brasil tinham acesso a bolsas de iniciação científica. Esse dado foi obtido a partir das respostas dadas por estudantes participantes do ENADE entre 2010 e 2012 (SBPC, 2014). Esse resultado atesta o impacto do Pibic para revolucionar o ensino de graduação no Brasil.

Desde o início do período analisado, a presença feminina predominou no programa Pibic. As mulheres representavam 54,5% dos bolsistas desse programa em 2001, e em 2013 já eram 60,4% desse total. Já o Programa Institucional de Iniciação Tecnológica começa, em 2007, com um perfil predominantemente masculino. Naquela época, 62,8% dos bolsistas eram homens. Ao longo dos anos, a proporção de mulheres atendidas pelo programa cresceu expressivamente. Em 2013, as mulheres já representavam 48,5% do total de bolsistas do programa.

Os gráficos 2.4, abaixo, mostram a distribuição por sexo dos bolsistas atendidos pelos dois maiores programas de iniciação científica e tecnológica do CNPq, Pibic e Pibiti:

Gráficos 2.4 - Distribuição percentual por ano e sexo dos bolsistas Pibic e Pibiti entre 2001 e 2013



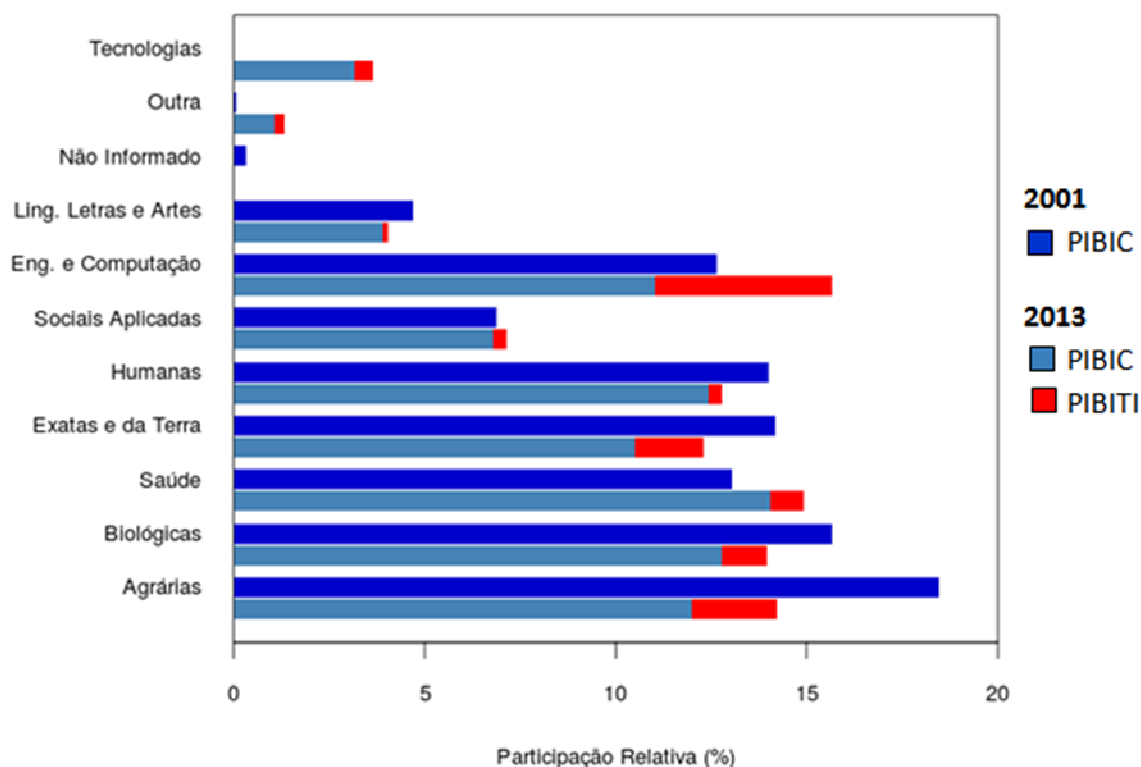
Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração do Núcleo de RHCTI do CGEE

Os gráficos acima mostram que o Pibic é um poderoso instrumento de equalização das chances de sucesso das estudantes de sexo feminino. Por outro lado, embora o Pibiti tenda a atender prioritariamente as áreas de engenharia e tecnologia (ver gráfico 2.5, abaixo), onde tradicionalmente predominam estudantes do sexo masculino, o programa tem alcançado sucesso em atrair uma proporção significativa de estudantes do sexo feminino, ampliando as oportunidades de formação avançada para as jovens que ingressam nessas áreas.

O gráfico 2.5, abaixo, mostra a evolução da distribuição dos bolsistas do programa Pibic, considerando dois momentos no tempo: 2001 e 2013, pelas grandes áreas do conhecimento. A coluna referente ao ano de 2013 contém também informação relativa às bolsas Pibiti, já que, como

veremos, essa modalidade de bolsas tem um impacto significativo na participação relativa de algumas áreas do conhecimento.

Gráfico 2.5 - Distribuição do número de bolsas-ano dos Programas Pibic e Pibiti pelas grandes áreas do conhecimento, 2001 e 2013



Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração do Núcleo de RHCTI do CGEE

Como pode ser observado, das três grandes áreas do conhecimento com maior número de bolsas Pibic em 2001 (Ciências Agrárias – 2.664 ; Ciências Biológicas – 2.262 ; Ciências Exatas e da Terra – 2.052) apenas as Ciências Biológicas permanecem dentre as três com maior participação em 2013 (Ciências da Saúde – 3.883 ; Ciências Biológicas – 3.538 ; Ciências Humanas – 3.441. Contudo, a queda na participação percentual observada em algumas grandes áreas é amenizada com a criação do programa Pibiti. Em 2013, foram disponibilizadas 1.282 para Engenharias e Ciências da Computação, 623 bolsas para Ciências Agrárias e 492 bolsas para Ciências Exatas e da Terra. Assim, as 3 grandes áreas com maior participação relativa das bolsas ofertadas pelos programas Pibic e Pibiti em 2013 são: Engenharias e Ciências da Computação – 15,6% ; Ciências da Saúde – 14,9% e Ciências Agrárias – 14,2%). Nota-se que apenas Ciências Agrárias permaneceram nesse grupo quando comparado ao ano de 2001. Nas humanidades e Linguística, Letras e Artes houve uma

variação negativa na oferta de bolsas ano Pibic, não compensada pelo programa Pibiti. Nesse período, uma nova área se somou às demais: a área das tecnologias, que, somando os bolsistas Pibic e Pibiti, representavam 5,0% desses bolsistas em 2013. Essa área inclui cursos com perfil tecnológico mais definido, tais como programas de biotecnologia, tecnologias ambientais, defesa, tecnologias aeroespaciais, tecnologias educacionais e sociais, nanotecnologia e novos materiais, entre outros. Para informações detalhadas para todas as áreas do conhecimento, veja tabela A.2.1.8 do Anexo.

Mais uma vez, o controle do número de bolsas pelo total de matrículas na graduação é um elemento importante para a interpretação mais adequada desses dados. A tabela 2.3, abaixo, permite visualizar o impacto da atividade do CNPq na iniciação em todas as áreas do conhecimento entre 2001 e 2012. Note-se que nessa análise foi utilizado o ano final de 2012 ao invés do ano de 2013, já que os microdados do Censo da Educação Superior 2013 (INEP) ainda são preliminares e não apresentam informações sobre as grandes áreas do conhecimento. Foram consideradas todas as bolsas de iniciação oferecidas pelo CNPq (e não apenas o Pibic), uma vez, que, como se observou acima, em algumas áreas, a diminuição da oferta de bolsas Pibic pode ser compensada pela oferta de outras modalidades de iniciação científica.

Tabela 2.3 - Número de bolsas de iniciação científica CNPq por mil matriculados na graduação, por grande área do conhecimento, 2001 e 2012

região	Matrículas		Bolsas-ano		Bolsas-ano por 1.000 Matrículas	
	2001	2012	2001	2012	2001	2012
Brasil	3.027.333	5.901.306	18.783	31.370	6,20	5,32
Ciências Agrárias	74.422	183.332	3.135	4.583	42,12	25,00
Ciências Biológicas	83.530	177.347	3.100	4.769	37,11	26,89
Ciências da Saúde	340.564	767.948	2.430	4.402	7,14	5,73
Ciências Exatas e da Terra	73.749	76.796	2.357	4.584	31,96	59,69
Ciências Humanas	313.449	381.967	2.770	4.076	8,84	10,67
Ciências Sociais Aplicadas	1.223.536	2.381.819	1.397	2.109	1,14	0,89
Engenharias e Computação	265.907	814.217	2.683	4.797	10,09	5,89
Linguística, Letras e Artes	56.187	45.211	855	1.260	15,22	27,87
Tecnologias	103.345	281.233	0	197	0,00	0,70
Outra	492.644	791.436	56	593	0,11	0,75

Fontes: MEC, Censo do Ensino Superior (2001-2012) e Plataforma Aquarius (MCT/CGEE), elaboração Núcleo RHCTI/CGEE

Nota: Estão incluídas as bolsas Pibic, Píbiti e IC. As informações sobre o número de matrículas em cursos presenciais por grande área do conhecimento não estão disponíveis no Censo do Ensino Superior de 2013, por esse motivo optou-se por utilizar as informações do Censo do Ensino Superior de 2012.

Essa tabela mostra que a distribuição relativa das bolsas de iniciação entre as diferentes áreas do conhecimento é bastante heterogênea. Ademais, entre 2001 e 2012, esse padrão de distribuição se alterou bastante. Em 2001, havia 42 bolsas-ano de iniciação do CNPq para cada mil matrículas na área de ciências agrárias. Naquela época, essa era a área mais bem sucedida em mobilizar esse tipo de bolsa. Para os alunos matriculados na área de ciências biológicas, a proporção era de 37 bolsas para cada mil matriculados, e na área de ciências exatas e da terra, esse número era de 32 bolsas por mil matrículas. Essa proporção caía significativamente, mas ainda permanecia acima da média geral do Brasil, para as áreas de Linguística, Letras e Artes (15 bolsas-ano por mil matrículas), Engenharia e Ciências da Computação (10 bolsas-ano por mil matrículas) e Ciências Humanas (9 bolsas-ano por mil matrículas). A área de Ciências da Saúde tinha apenas 7 bolsas-ano por mil matrículas e a área de Ciências Sociais Aplicadas tinha somente 1 bolsa-ano para cada mil matrículas, isso a despeito de que essa área, já em 2001, fosse responsável por 40,4% de todas as matrículas na graduação (cursos presenciais) do país.

Em 2012 essas proporções se alteram significativamente. As áreas que mais cresceram relativamente foram as Ciências Exatas e da Terra, onde a proporção de bolsas-ano por mil estudantes matriculados chega a quase 60, num crescimento expressivo de 86,5%. A área de Linguística, Letras e Artes, que passou de 15 bolsas-ano por mil estudantes matriculados para 28

bolsas-ano, apresentou um crescimento de 83,6%. Contudo, esse alto crescimento é decorrente da diminuição de matrículas na graduação dessa grande área, pois o aumento absoluto de bolsas Pibic não foi expressivo. A área de Ciências Humanas também conseguiu aumentar a cobertura das bolsas de iniciação oferecidas pelo CNPq, mas aqui o aumento foi mais modesto, passando de 8,8 bolsas-ano para 10,7 bolsas-ano para cada mil alunos matriculados. Nas demais áreas, a participação das bolsas de iniciação oferecidas pelo CNPq diminuiu. Mais uma vez, chama atenção a diminuição relativa do número de bolsas entre os alunos da área de ciências agrárias. Entre 2001 e 2012, essa proporção caiu de 42 para 25 bolsas para cada mil estudantes. Essa proporção também caiu 37 para 27 bolsas na área de Ciências Biológicas. As áreas de Ciências da Saúde e Engenharia e Ciências da Computação já tinham uma cobertura menos expressiva em 2001 e em 2012 os resultados foram um pouco pior. Nesse ano, a proporção de bolsas por mil estudantes matriculados foi de, respectivamente, 5,7 e 6 para cada uma dessas áreas. Finalmente, a área de Ciências Sociais Aplicada, continuou com uma pequena proporção de bolsas por mil alunos, passando de 1,1 para 0,9 bolsas por mil estudantes.

Esses resultados mostram que as dinâmicas que explicam o acesso de diferentes áreas aos programas de iniciação científica oferecidos pelo CNPq não são as mesmas que direcionam o seu crescimento na graduação. Outros fatores, tais como a maior ou menor presença do setor público, a qualificação do corpo docente, e a importância relativa da pesquisa acadêmica em cada área são fatores mais centrais para se entender o seu sucesso na mobilização desse recurso, como será analisado no próximo bloco desse relatório.

Em resumo, pode-se dizer que desde o seu lançamento, no final dos anos 1980, o programa Pibic cresceu e se institucionalizou, convertendo-se no principal programa de iniciação científica organizado pelo CNPq. Se em 2001 ele atendeu 24,8 mil estudantes, em 2013, sua cobertura quase dobrou, alcançando 46,7 mil estudantes.

Esse total, somado às bolsas ofertadas no programa Pibiti, representou cerca de 54 mil estudantes atendidos por essas modalidades de concessão institucional. Como foi observado acima, seu desenho original, contando com um intenso envolvimento do corpo dirigente das IES e IPs, mostrou-se extremamente eficaz para a popularização da modalidade de bolsa de iniciação científica, dando visibilidade para essa alternativa de formação e contribuindo para institucionalizar a iniciação científica na graduação. Na próxima parte desse relatório faremos uma análise dos resultados alcançados pelo Pibic considerando as transformações experimentadas pelo ensino superior brasileiro nesse período.

3. A Evolução do Pibic frente às transformações do ensino superior brasileiro:

Em 1994, época da realização da primeira avaliação do Pibic, o ensino superior brasileiro atendia pouco menos de um milhão e setecentos mil estudantes. Em 2013, o censo do ensino superior registrou 6,1 milhões de estudantes matriculados em cursos presenciais. Em 1994, o setor público era responsável por apenas seiscentos e noventa mil estudantes. Em 2013, o setor público já respondia por 1,7 milhões de estudantes em cursos presenciais. As mudanças não estão restritas ao tamanho. Nesse intervalo de tempo, o ensino superior brasileiro ganhou também em qualidade, com a qualificação do corpo docente. Essa última mudança foi particularmente intensa no setor público. Em 1994, apenas 22,4% dos docentes empregados por instituições públicas tinha doutorado. Em 2013, essa proporção já era de 53,1% (INEP, 2014).

Além do aumento da qualificação do quadro docente, de lá pra cá é possível observar também a crescente relevância e visibilidade da atividade de pesquisa junto aos acadêmicos brasileiros. No início dos anos noventa (1990), um questionário aplicado a uma amostra representativa dos acadêmicos brasileiros, revelou que mesmo entre acadêmicos empregados em instituições onde a pesquisa já se encontrava institucionalizada, a prioridade para as atividades de pesquisa era indicada por apenas 52,8% dos acadêmicos. Entre os docentes empregados em instituições públicas onde a pesquisa ainda não tinha se consolidado, a proporção de professores que davam essa resposta era de apenas 38,8%¹. Em 2007, uma pesquisa semelhante encontrou um quadro completamente diferente: entre os acadêmicos vinculados a instituições onde a pesquisa está consolidada, a proporção dos que priorizam essa atividade já era de 61,9%, e entre os pesquisadores ligados a instituições públicas onde a pesquisa ainda não se consolidou, essa proporção já alcançava 51,7% (SCHWARTZMAN E BALBACHEVSKY, 2014)².

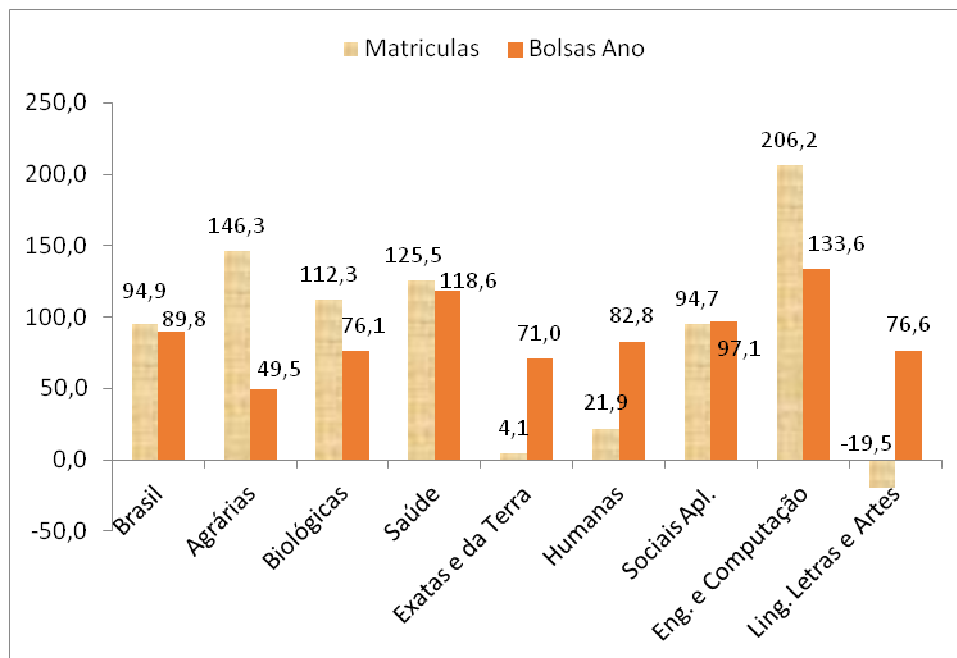
¹ A distinção entre os dois tipos de instituições toma como base a consolidação da pós-graduação no interior da instituição. Assim, em 1990, foram consideradas instituições maduras, onde a pesquisa se encontrava institucionalizadas, as instituições que tinham pelo menos 20% dos alunos matriculados em cursos de pós-graduação lato-senso (mestrado e doutorado). Em 2007, foram consideradas instituições maduras aquelas que apresentavam pelo menos 30% dos alunos matriculados na pós-graduação. Embora em pequeno número, essas instituições constituem um conjunto bastante diferenciado, com características bastante específicas no que se refere ao ambiente institucional. Para mais detalhes, consultar SCHWARTZMAN e BALBACHEVSKY, 2014 e BALBACHEVSKY E SCHWARTZMAN, 2011

² A questão, clássica em *surveys* sobre profissão acadêmica em todo mundo, solicita do docente para indicar qual atividade ele prefere, pessoalmente: ensino ou pesquisa. As alternativas de resposta são: “principalmente o ensino”; “principalmente a pesquisa”; “ambos, mas tendendo mais para o ensino”, “ambos, mas tendendo mais para a pesquisa”. As porcentagens mencionadas nesse relatório se referem à soma da frequência de respostas “ambos, mas tendendo mais para a pesquisa” e “principalmente a pesquisa”

Finalmente, mudanças significativas podem ser registradas na própria dinâmica da pós-graduação. Desde a época em que foram realizadas as avaliações citadas acima, a pós-graduação brasileira se consolidou, expandiu-se fortemente e se disseminou por todas as regiões do Brasil (CGEE, 2010; 2012). Em 1998, época da última avaliação do Pibic, o Brasil contava com 49 mil estudantes matriculados no mestrado e 26 mil matriculados no doutorado. Em 2012, o total de matrículas no mestrado já havia crescido para 124 mil estudantes (incluindo 15 mil matriculados em mestrados profissionais), e o total de matrículas no doutorado já era 79 mil estudantes (GEOCAPES). A pós-graduação brasileira não apenas se expandiu, mas também se consolidou e ampliou sua qualidade (BALBACHEVSKY, 2013). Desde 1998, o modelo de avaliação foi reformado, ganhou um sistema de indicadores consistentes e, contando com um intenso envolvimento da comunidade científica, tem sustentado o crescimento da produção científica brasileira.

O gráfico 3.1. compara o crescimento das matrículas no ensino superior, entre 2001 e 2012, para cada área de conhecimento, seguindo a definição de áreas adotada pelo CNPq, com o crescimento do número de bolsas ofertadas pelos dois grandes programas de Iniciação do CNPq, Pibic e Pibiti.

Gráfico 3.1 - taxa de crescimento das matrículas em cursos presenciais e taxa de crescimento do total de bolsas-ano Pibic e Pibiti, por grande área do conhecimento, entre 2001 e 2012



Fonte : Plataforma Aquarius e INEP

Nota: Em 2012, a categoria "bolsas-ano" compreende o total de bolsas Pibic e Pibiti, em conjunto. A área Tecnologias só foi criada em 2011.

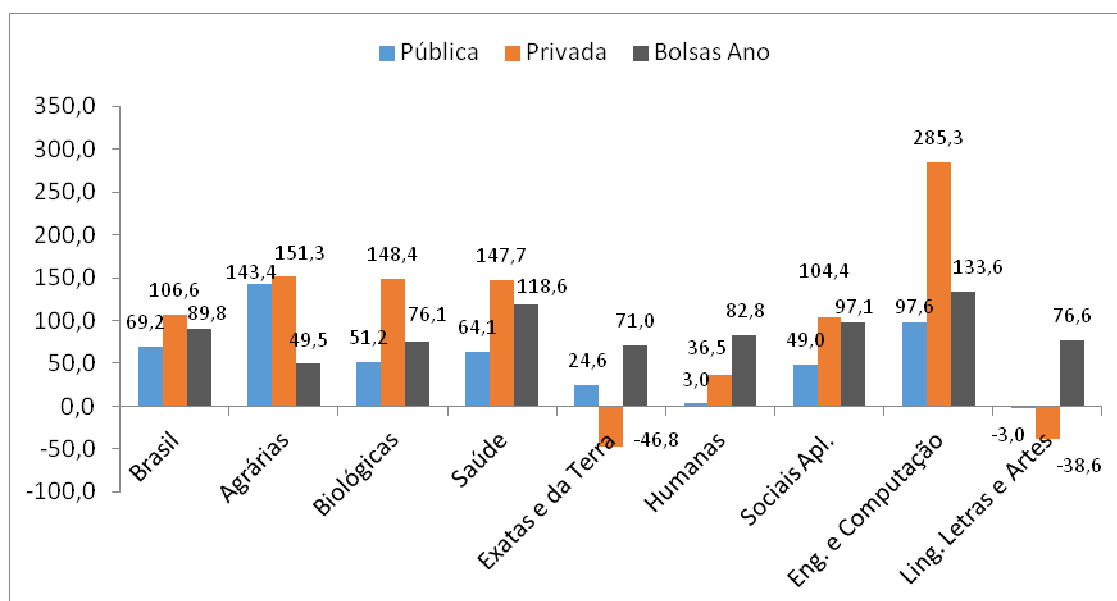
Como é possível observar nas primeiras duas barras do gráfico acima entre 2001 e 2012, o crescimento da oferta de bolsas dentro dos programas Pibiti e Pibic, em conjunto, acompanhou razoavelmente o das matrículas em cursos presenciais no ensino superior brasileiro. Entretanto, quando comparamos o aumento da oferta de bolsas com o crescimento das matrículas em diferentes áreas do conhecimento, podemos observar disparidades importantes. De fato, na área de ciências agrárias, enquanto as matrículas cresceram 146,3%, a oferta de bolsas nos dois programas cresceu apenas 49,5%. Da mesma forma, na área das engenharias e ciência da computação, o crescimento da matrícula foi de 206,2%, enquanto que a oferta de bolsas dos programas Pibic e Pibiti cresceu apenas 133,6%. Na área de ciências biológicas o crescimento da oferta de bolsas também não acompanhou a expansão das matrículas: 76,1% e 112,3% respectivamente. A área de saúde experimentou o mesmo movimento, porém com uma divergência menor. Aqui, as matrículas cresceram 125,5%, enquanto que o total de bolsas-ano cresceu 118,6%.

Em outras áreas, a expansão da oferta de bolsas superou muito a dinâmica de crescimento das matrículas, o que significa que o programa ampliou sua presença nessas áreas. A área de ciências exatas e da terra, por exemplo, experimentou na década um modesto crescimento, de apenas 4,1%,

enquanto que as bolsas direcionadas para essa área cresceram 71,0%. O mesmo padrão pode ser observado para as áreas de ciências humanas, onde as matrículas cresceram apenas 21,9%, enquanto que o número de bolsas cresceu 82,8%. Da mesma forma, na área de ciências sociais aplicadas, as matrículas se expandiram 94,7%, e a oferta de bolsas cresceu 97,1%. Finalmente, enquanto a área de linguística, letras e artes experimentou no período um crescimento negativo de matrículas da ordem de 19,5%, a oferta de bolsas cresceu 76,6%.

Uma dimensão importante que precisa ser considerada na análise é a participação relativa das instituições públicas e privadas de ensino superior na composição das matrículas em cada área do conhecimento. Como é sobejamente conhecido, o sistema de ensino superior brasileiro se caracteriza pela forte presença do setor privado, mas a participação desse setor em diferentes áreas do conhecimento é bastante desigual. Por outro lado, os Programas de Iniciação Científica do CNPq tendem a atender estudantes do setor público. Em 2001, apenas 7% dos bolsistas desse programa estavam matriculados no setor privado. Em 2012, essa proporção havia crescido um pouco, mas ainda assim era pequena: apenas 12% dos bolsistas Pibic frequentavam cursos no setor privado. Dessa forma, a análise da oferta de bolsas em relação às matrículas deve considerar essa dimensão, o que é feito no gráfico 3.2, abaixo:

Gráfico 3.2 - Evolução das matrículas e do número de bolsas-ano por grande área de conhecimento e setor, entre 2001 e 2012



Nota: Em 2012, a categoria “bolsas-ano” compreende o total de bolsas Pibic e Pibit, em conjunto. A área Tecnologias só foi criada em 2011.

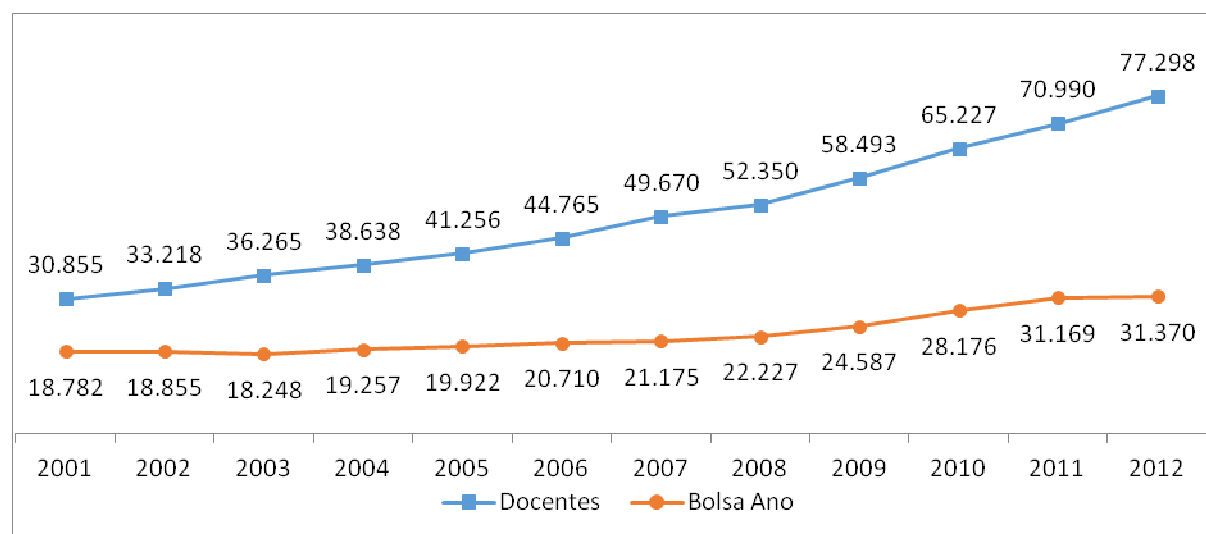
O gráfico 3.2 mostra que a introdução da variável do setor, público e privado, de onde provem a matrícula corrige algumas distorções importantes. Na grande área de Engenharias e Ciências da Computação, o crescimento o número de bolsas-ano nos dois programas (133,6%) supera o crescimento das matrículas no setor público (97,6%). Da mesma forma, o crescimento no número de bolsas-ano na área de Ciências da Saúde (118,6%) é superior ao crescimento de matrículas nessa área no setor público (64,1%). Resultados semelhantes podem ser observados em todas as grandes áreas, exceto nas Ciências Agrárias. Nessa área o número de matrículas no setor público cresceu 143,4% enquanto que o número de bolsas, incluindo os dois programas, cresceu apenas 49,5%.

Por outro lado, a quase estagnação do número de matrículas nas Ciências Exatas e da Terra, no período analisado, gráfico 3.1, pode ter sido causada pelo decréscimo de matrículas no setor privado. No setor público, as matrículas nessa área cresceram 24,6% contra um crescimento de 71% do número de bolsas. Essa diferença mostra a ampliação dos programas de iniciação Científica nessa grande área. Da mesma forma, a queda nas matrículas para a área de Linguística, Letras e Artes, observada anteriormente, está concentrada no setor privado. Aqui, as matrículas nessa área caíram 38,5%. No setor público, esse decréscimo foi muito menos expressivo, de apenas 3,0%. Entretanto, o crescimento do número de bolsas (76,6%) foi bem expressivo. Apresentando um padrão de crescimento parecido com a grande maioria das grandes áreas analisadas.

Cabe assinalar que o déficit de crescimento do número de bolsistas, quando comparado ao crescimento das matrículas na área das ciências agrárias permanece. Essa área experimentou uma expansão importante, tanto no setor público (143,4%), como no setor privado (151,3%), mas o crescimento do total de bolsistas ficou bem abaixo desse total, mesmo considerando a participação das bolsas Pibiti (74,3%). Esse resultado coloca uma questão que precisa ser investigada mais a fundo para que se entenda quais os motivos que estão limitando a expansão desses programas nessa área.

Portanto, a forte participação do setor público nos programas Pibic e Pibiti e as dinâmicas de crescimento das matrículas nas diversas áreas, dentro desse setor, permitem afirmar que a expansão da oferta de bolsas significou de fato uma ampliação da cobertura do programa. Entretanto, esse crescimento não acompanha o crescimento da qualificação do corpo docente do setor público. O gráfico 3.3 relaciona a evolução do número de bolsas de Iniciação Científica no âmbito do CNPq com o crescimento do número de docentes com doutorado no setor público.

Gráfico 3.3 - Total de bolsas de Iniciação Científica oferecidas pelo CNPq (todas as modalidades) e total de docentes com doutorado no setor público, 2001-2012



Nota: Foram incluídos bolsistas de iniciação de todos os programas do CNPq.

Fontes: Total de docentes com doutorado no setor público: censo da educação superior, INEP. Bolsistas Pibic: sistema Aquarius, CGEE/MCTI

O gráfico acima mostra que a oferta de bolsas de iniciação, embora apresente crescimento, não acompanha a evolução do número de docentes com doutorado no setor público. No período analisado, o crescimento total do número de docentes com doutorado foi de 150% contra um crescimento de apenas 67% do número de bolsas. Outro fato interessante de se notar é que, entre 2011 e 2012, o crescimento do número de docentes foi 8,88% contra um crescimento de 0,64% do

número de bolsas. Enquanto o número de docentes apresenta um crescimento linear a partir de 2008, o número de bolsas de iniciação científica permanece praticamente estagnado entre 2001 e 2006, cresce 36% entre 2006 e 2010 e não sofre alterações significativas desde então.

O período analisado coincide com a forte expansão das universidades federais promovido pelo REUNI, o que aumentou significativamente a disponibilidade de professores. Nesse período, o setor privado também experimentou uma forte expansão do seu corpo docente com titulação de doutorado, passando de 8 mil docentes com professores com doutorado em 2001, para quase 38 mil em 2012. Entretanto, outros fatores limitam a participação de estudantes desse setor nos programas de iniciação oferecidos pelo CNPq. Entre eles, o caráter de instituição com fins lucrativos de grandes organizações do setor privado, responsáveis por uma parcela significativa dessas matrículas, e também o fato de que muitos dos professores com doutorado, empregados no setor privado, não desenvolvem atividades de pesquisa de forma regular, o que é uma condição para que o professor possa ser orientador dessas bolsas.

A confrontação do crescimento do programa Pibic com as dinâmicas mais relevantes que marcaram o ensino superior brasileiro na última década mostra que esse programa acompanhou o crescimento das matrículas nas diferentes áreas de conhecimento e, inclusive, em alguns casos, superou. Esse resultado pode ser interpretado como uma expansão real da sua cobertura em várias áreas do conhecimento, especialmente quando consideramos a expansão ocorrida especificamente no setor público.

4. Conclusão:

Os resultados do estudo apresentado neste relatório são consistentes com uma avaliação positiva do programa Pibic, contudo, dado o aumento do número de professores com doutorado, sua performance poderá ser ainda melhor. Ao ser lançado, no final dos anos oitenta, o programa alterou de forma significativa o peso relativo dessas bolsas no âmbito do CNPq e também nas dinâmicas institucionais internas das IES. No novo desenho, as bolsas de Iniciação Científica ganharam visibilidade própria e se tornaram um importante elemento nos processos de avaliação, tanto de estudantes como do corpo docente. Por outro lado, o desenho do programa Pibic inaugurou um novo canal, conectando diretamente o CNPq às IES, que contribuiu significativamente para institucionalizar a atividade de pesquisa em muitas IES regionais, inclusive no setor público.

Os dados analisados nesse relatório apontam o crescimento do programa, sua desconcentração regional e seu impacto no sentido de contribuir para diminuir as desigualdades de gênero. Quando comparamos o crescimento do número da oferta de bolsas-ano com o crescimento das matrículas, verificamos que, no agregado, o crescimento do Pibic não apenas acompanhou o ritmo do crescimento das matrículas no ensino superior, como inclusive, expandiu sua cobertura. Considerando a “vocação pública” do programa, que se traduz na grande participação de estudantes do setor público, é possível afirmar que o crescimento das bolsas ofertadas pelo Pibic, somadas àquelas ofertadas dentro do programa Pibiti, significou um aumento expressivo da cobertura do programa em praticamente todas as grandes áreas do conhecimento. A única exceção nessa tendência encontra-se nas Ciências Agrárias, que teve uma queda importante no crescimento, ainda que a relação de bolsistas por matrículas de ensino superior esteja em nível intermediário em comparação às outras áreas. O comportamento peculiar de algumas áreas pode ser investigado com mais profundidade, lançando mão de outros instrumentos, em particular a pesquisa de tipo “survey”, com aplicação de questionário junto a uma amostra de professores e estudantes da área.

5. Próximas etapas

Para o próximo ano o projeto deve cumprir três etapas igualmente relevantes para um estudo abrangente do programa e de seus impactos.

A primeira etapa é a análise da trajetória dos egressos do Pibic no mercado formal de trabalho e sua atuação no meio acadêmico. Esse estudo reproduz, para o universo dos egressos do programa Pibic, parte da experiência acumulada pela equipe do CGEE com o trabalho de grandes bases de dados, que deram origem aos estudos sobre a trajetória profissional de doutores e mestres (CGEE, 2010 e 2012).

O Estudo sobre a trajetória de formação e emprego dos egressos do Pibic consiste na análise do emprego dos egressos, quanto ao empregador – natureza jurídica, porte, atividade econômica, localização; característica do emprego – remuneração, ocupação. Interessa investigar o envolvimento dos egressos com a vida acadêmica, como trajetória profissional, e a dinâmica da formação em nível de pós-graduação. Trata-se de um estudo com características descritivas, que tem por objetivo analisar as diferentes trajetórias profissionais experimentadas por diversas coortes de bolsistas do programa, mediante a integração de dados disponíveis em grandes bases de dados, tais como a base RAIS, os dados coletados pelo INEP sobre o perfil dos professores do ensino superior, dados coletados nos bancos do Coleta CAPES etc. O objetivo dessa etapa da pesquisa é mapear e quantificar as trajetórias profissionais de ex-bolsistas, buscando identificar a relevância e velocidade dos diferentes fluxos e o tempo médio de duração das transições.

Uma trajetória central que deve ser alvo de uma análise minuciosa nessa etapa da pesquisa diz respeito ao fluxo do ex-Pibic na pós-graduação. Nessa dimensão, o estudo pretende estimar o volume relativo do fluxo que leva o estudante de graduação para a pós (mestrado, ou, mais excepcionalmente, doutorado direto), a duração média da transição entre o final da graduação e o início do mestrado, a mobilidade regional e institucional experimentada pelo ex-bolsista nessa transição, o tempo médio de titulação no mestrado para o ex-bolsista, o volume do fluxo que leva o ex-bolsista mestre para o doutorado, a duração média da transição entre o final do mestrado e o doutorado, e finalmente, o tempo de duração médio do doutorado.

Os trabalhos relativos a essa etapa já estão bastante avançados. Os dados relativos aos bolsistas Pibic já estão consolidados em um banco que identifica os bolsistas, e não as bolsas, como é o formato inicial de entrada dos dados, em função das necessidades administrativas. A conexão entre esse banco e os dados da RAIS e dos egressos da pós-graduação já está estabelecida, de forma a

possibilitar a análise proposta. Os dados estatísticos gerados sobre a trajetória profissional dos egressos do programa tratam de sua formação acadêmica, ou seja, a titulação no mestrado e doutorado, das informações sobre a taxa de emprego, remuneração, setor econômico do empregador, local de emprego e sexo. Os dados permitem abrir a discussão sobre a trajetória profissional, a inserção em carreiras acadêmicas e as conexões com a formação pós-graduada.

A segunda etapa da pesquisa é um estudo qualitativo dos impactos do programa junto a amostras de bolsistas e seus orientadores. Em certa medida, essa linha de investigação replica parcialmente o estudo realizado em 1998 pelo NESUB (NESUB, 1999). O projeto prevê a aplicação de um questionário padronizado a uma amostra de alunos atualmente bolsistas do Pibic, conjugada a uma amostra de orientadores. As duas amostras estarão interligadas e o campo de ligação é a identificação do bolsista. Dessa maneira, serão aplicados questionários a uma amostra de bolsistas e seus respectivos orientadores.

O questionário aplicado ao bolsista deve retomar algumas questões do estudo realizado pelo NESUB em 1998, permitindo uma análise longitudinal da distribuição das respostas, o que permitirá estudar como a experiência da iniciação variou do final dos anos noventa para o presente. Esse questionário também explora em que medida, na percepção de bolsistas e orientadores, a iniciação científica contribui para:

1. Despertar vocação científica e incentivar novos talentos entre estudantes de graduação
2. Proporcionar ao bolsista a aprendizagem de técnicas e métodos de pesquisa, bem como estimular o desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade.
3. Ampliar o acesso e a integração do estudante à cultura científica
4. O impacto da experiência de IC para o envolvimento com as atividades de graduação e expectativas de trajetória futura do bolsista.

Junto aos orientadores, o estudo buscará coletar informações que permitam:

1. Estabelecer diferenças no perfil do orientador, considerando a sua maturidade acadêmica (idade acadêmica), a valorização relativa do seu envolvimento com atividades de ensino e pesquisa, formas de envolvimento com o ensino de graduação e de pós-graduação, grau de profissionalização com as atividades de pesquisa (SCHWARTZMAN E BALBACHEVSKY, 2013), a participação em redes e suas estratégias de formação da agenda de pesquisa.

2. Tipificar a estratégia de orientação adotada pelo orientador, considerando: a centralidade do tema do bolsista para a agenda de pesquisa do orientador, a convergência dos trabalhos de orientação atualmente sob sua responsabilidade; o volume de interação entre bolsistas e orientador.

A expectativa é que a análise comparada dos resultados obtidos junto aos bolsistas e orientadores produza elementos relevantes para se estimar o impacto de diferentes perfis de orientadores e estratégias de orientação sobre a qualidade experiência de IC do bolsista.

A terceira e última etapa da pesquisa diz respeito à avaliação dos impactos do programa na trajetória profissional dos egressos. Essa parte do trabalho implica na identificação de uma amostra de controle, para quem se produzirá um estudo dos fluxos de inserção na pós-graduação e no mercado de trabalho formal, contra o qual será possível comparar os resultados obtidos para uma amostra equivalente de egressos do Pibic.

Para ser confiável, esse estudo deve contrapor uma amostra de bolsistas a uma amostra de não bolsistas, para os quais seja possível garantir comparabilidade em termos de grande área de conhecimento, curso e desempenho acadêmico. Na seleção da amostra de controle, o estudo precisa ainda evitar selecionar ex-alunos que tenham recebido outra modalidade de bolsa de iniciação fora do quadro do CNPq. Sendo assim, esse estudo precisará contar com a concordância de uma ou mais instituição que disponibilizem dados sobre seus alunos, de forma a se constituir as duas amostras (bolsistas e não bolsistas), adotando-se um modelo randômico de seleção.

O passo seguinte é a reconstituição da trajetória educacional e profissional dos ex-alunos selecionados para compor a amostra de controle, e dos ex-alunos bolsistas do Pibic da mesma instituição. A avaliação do impacto do Pibic será feita mediante a comparação do volume relativo de cada trajetória para a amostra Pibic e Controle, bem como as velocidades relativas de cada trajetória e suas transições.

Resultados esperados:

Com este projeto, espera-se reunir informação e análises relevantes que subsidiem a gestão e o planejamento do Programa, no que se refere a sua perspectiva de expansão e distribuição no território e entre as áreas do conhecimento. Espera-se conhecer os impactos do programa para a realidade do ensino superior e da pesquisa e, assim fornecer, informações que possam ser utilizadas para uma eventual adequação do programa, considerando as demandas e as necessidades que a agência responsável pelo Programa considere relevante.

Referências:

- BALBACHEVSKY, E. 2013 Academic research and advanced training: building up research universities in Brazil. In: Jorge Balan. (Org.). *Latin America's new knowledge economy: higher education, government and international collaboration*. New York: AIFS Foundation and Institute of International Education, p. 113-133.
- BALBACHEVSKY E. ; SCHWARTZMAN, S. 2010. "The graduate foundations of Brazilian research". In: Hiroshima: Hiroshima University Press: *Higher Education Forum*. 7(1): 85-100.
- BALBACHEVSKY, E. ; SCHWARTZMAN, S. 2011. Brazil: diverse experience in institutional governance in the public and private sectors. In: William Locke; William Cummings; Donald Fisher. (Eds.). *Changing governance and management in higher education: the perspectives of academy*. Dordrecht: Springer, p. 35-56.
- CGEE, 2010, *Doutores 2010: estudo da demografia da base técnico-científica brasileira*. Brasília, DF: CGEE
- CGEE, 2012, *Mestres, 2012: estudo da demografia da base técnico-científica brasileira*. Brasília, DF: CGEE
- GEOCAPES, Distribuição de discentes da pós-graduação no Brasil. 1998 e 2012. <http://geocapes.capes.gov.br/geocapesds/#app=c501&da7a-selectedIndex=0&5317-selectedIndex=0&dbcb-selectedIndex=0> Acesso em 10/06/2014
- INEP, 2013, Resumo Técnico, Censo da Educação Superior, 2011. Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2011.pdf Acesso em 10/06/2014
- MARCUSCHI, Luíz Antônio 1996 *Avaliação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) do CNPq e propostas de ação*. Brasília: CNPq.
- NESUB, 1999, *O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e sua relação com a formação de cientistas*. Relatório Final. Brasília, NESUB.
- SBPC, 2014 "Estudo mostra perfil de estudantes de iniciação científica" In Jornal da Ciência, JC Notícias nº 5074, 28 de novembro de 2014. Disponível em <http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/category/edicoes/5074/> Acessado em 29/11/2014.
- SCHWARTZMAN, S. e BALBACHEVSKY, E. 2013 "Research and Teaching in a diverse institutional environment: converging values and diverging practices in Brazil". In Jung Cheol Shin, Akira Arimoto, Williams K. Commings e Ulrich Teichler (ed) *Teaching and Research in Contemporary Higher Education*. Dordrecht, Springer, pp. 221-254.

Anexo Estatístico

Bolsistas

Tabela 1.0.1 - Número de bolsistas por tipo de bolsa recebida e ano do programa

Ano	IC	Pibic	Pibiti	Total
2001	7.152	24.804	-	31.956
2002	7.280	23.552	-	30.832
2003	7.750	24.219	-	31.969
2004	8.810	26.155	-	34.965
2005	6.954	27.972	-	34.926
2006	5.794	30.732	-	36.526
2007	6.593	32.881	394	39.868
2008	5.102	34.486	869	40.457
2009	6.231	37.842	1.045	45.118
2010	7.982	42.476	3.472	53.930
2011	6.987	45.209	5.629	57.825
2012	6.409	46.183	6.088	58.680
2013	4.124	46.758	7.133	58.015

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Nota: Um mesmo bolsista pode ser contado mais de uma vez em diferentes anos.

Tabela 1.0.2 - Distribuição percentual dos bolsistas segundo o tipo de bolsa recebido por ano do programa

Ano	IC	Pibic	Pibiti	Total
2001	22,38	77,62	-	100,00
2002	23,61	76,39	-	100,00
2003	24,24	75,76	-	100,00
2004	25,20	74,80	-	100,00
2005	19,91	80,09	-	100,00
2006	15,86	84,14	-	100,00
2007	16,54	82,47	0,99	100,00
2008	12,61	85,24	2,15	100,00
2009	13,81	83,87	2,32	100,00
2010	14,80	78,76	6,44	100,00
2011	12,08	78,18	9,73	100,00
2012	10,92	78,70	10,37	100,00
2013	7,11	80,60	12,30	100,00

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Nota: Um mesmo bolsista pode ser contado mais de uma vez em diferentes anos.

Tabela 1.0.3 - Taxas de crescimento ano a ano do número de bolsistas segundo o tipo de bolsa recebida

Ano	IC	Pibic	Pibiti	Total
2002	1,79	-5,05	-	-3,52
2003	6,46	2,83	-	3,69
2004	13,68	7,99	-	9,37
2005	-21,07	6,95	-	-0,11
2006	-16,68	9,87	-	4,58
2007	13,79	6,99	-	9,15
2008	-22,61	4,88	120,56	1,48
2009	22,13	9,73	20,25	11,52
2010	28,10	12,25	232,25	19,53
2011	-12,47	6,43	62,13	7,22
2012	-8,27	2,15	8,15	1,48
2013	-35,65	1,25	17,16	-1,13

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Pibic

Tabela 1.1.1 - Número total de bolsistas do Pibic por ano e UF

UF	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	24.804	23.552	24.219	26.145	27.972	30.727	32.881	34.486	37.837	42.471	45.209	46.183	46.758
AC	78	60	57	61	80	91	91	119	132	156	171	188	170
AL	316	297	268	285	318	362	414	470	502	631	648	661	642
AM	516	489	436	465	538	572	612	656	712	835	883	872	858
AP	0	0	10	16	16	27	29	59	79	91	106	109	133
BA	749	697	688	765	784	927	1.055	1.158	1.411	1.668	1.846	1.920	1.979
CE	917	855	883	974	989	1.159	1.224	1.301	1.378	1.553	1.617	1.653	1.701
DF	1.019	975	1.067	1.129	1.280	1.444	1.506	1.548	1.682	1.842	2.021	2.055	2.156
ES	246	227	230	219	241	262	290	317	349	419	499	519	510
GO	348	358	391	411	429	484	538	592	688	824	910	942	966
MA	246	218	234	230	262	285	293	337	369	466	511	516	514
MG	2.743	2.521	2.514	2.562	2.638	2.772	2.966	3.095	3.457	3.990	4.224	4.332	4.390
MS	230	237	240	281	366	428	544	592	666	792	848	852	852
MT	241	254	264	319	400	423	495	482	562	569	617	629	645
PA	602	571	589	589	623	687	793	845	965	1.081	1.224	1.296	1.296
PB	970	886	851	819	873	935	1.028	1.116	1.213	1.371	1.482	1.520	1.572
PE	1.089	1.058	1.122	1.200	1.411	1.536	1.604	1.705	1.816	2.020	2.105	2.060	2.051
PI	110	115	117	146	172	212	262	308	375	422	479	498	529
PR	1.394	1.295	1.417	1.499	1.573	1.758	1.859	1.937	2.221	2.491	2.715	2.835	2.939

Continua

UF	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
RJ	3.811	3.551	3.542	3.871	4.133	4.677	4.846	4.996	5.180	5.599	5.807	5.795	5.962
RN	757	692	641	699	715	762	810	842	927	1.051	1.072	1.093	1.100
RO	57	49	45	51	80	98	94	103	119	152	175	168	165
RR	0	0	15	21	34	47	44	60	68	81	99	117	130
RS	2.160	2.217	2.235	2.345	2.383	2.473	2.637	2.799	3.105	3.486	3.712	3.883	3.881
SC	872	864	821	901	910	928	1.051	1.052	1.168	1.380	1.452	1.515	1.570
SE	214	182	193	188	208	244	289	317	363	433	462	486	507
SP	5.066	4.838	5.304	6.044	6.439	7.020	7.376	7.530	8.153	8.845	9.242	9.366	9.236
TO	53	46	45	55	77	114	131	150	177	223	282	303	304

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Nota: A informação sobre a região/UF da instituição do bolsista não estava disponível em 25 ocorrências.

Tabela 1.1.2 - Distribuição percentual do número de bolsistas do Pibic por ano e UF

UF	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
AC	0,31	0,25	0,24	0,23	0,29	0,30	0,28	0,35	0,35	0,37	0,38	0,41	0,36
AL	1,27	1,26	1,11	1,09	1,14	1,18	1,26	1,36	1,33	1,49	1,43	1,43	1,37
AM	2,08	2,08	1,80	1,78	1,92	1,86	1,86	1,90	1,88	1,97	1,95	1,89	1,83
AP	0,00	0,00	0,04	0,06	0,06	0,09	0,09	0,17	0,21	0,21	0,23	0,24	0,28
BA	3,02	2,96	2,84	2,93	2,80	3,02	3,21	3,36	3,73	3,93	4,08	4,16	4,23
CE	3,70	3,63	3,65	3,73	3,54	3,77	3,72	3,77	3,64	3,66	3,58	3,58	3,64
DF	4,11	4,14	4,41	4,32	4,58	4,70	4,58	4,49	4,45	4,34	4,47	4,45	4,61
ES	0,99	0,96	0,95	0,84	0,86	0,85	0,88	0,92	0,92	0,99	1,10	1,12	1,09
GO	1,40	1,52	1,61	1,57	1,53	1,58	1,64	1,72	1,82	1,94	2,01	2,04	2,07
MA	0,99	0,93	0,97	0,88	0,94	0,93	0,89	0,98	0,98	1,10	1,13	1,12	1,10
MG	11,06	10,70	10,38	9,80	9,43	9,02	9,02	8,97	9,14	9,39	9,34	9,38	9,39
MS	0,93	1,01	0,99	1,07	1,31	1,39	1,65	1,72	1,76	1,86	1,88	1,84	1,82
MT	0,97	1,08	1,09	1,22	1,43	1,38	1,51	1,40	1,49	1,34	1,36	1,36	1,38
PA	2,43	2,42	2,43	2,25	2,23	2,24	2,41	2,45	2,55	2,55	2,71	2,81	2,77
PB	3,91	3,76	3,51	3,13	3,12	3,04	3,13	3,24	3,21	3,23	3,28	3,29	3,36
PE	4,39	4,49	4,63	4,59	5,04	5,00	4,88	4,94	4,80	4,76	4,66	4,46	4,39
PI	0,44	0,49	0,48	0,56	0,61	0,69	0,80	0,89	0,99	0,99	1,06	1,08	1,13
PR	5,62	5,50	5,85	5,73	5,62	5,72	5,65	5,62	5,87	5,87	6,01	6,14	6,29
RJ	15,36	15,08	14,62	14,81	14,78	15,22	14,74	14,49	13,69	13,18	12,84	12,55	12,75
RN	3,05	2,94	2,65	2,67	2,56	2,48	2,46	2,44	2,45	2,47	2,37	2,37	2,35
RO	0,23	0,21	0,19	0,20	0,29	0,32	0,29	0,30	0,31	0,36	0,39	0,36	0,35
RR	0,00	0,00	0,06	0,08	0,12	0,15	0,13	0,17	0,18	0,19	0,22	0,25	0,28
RS	8,71	9,41	9,23	8,97	8,52	8,05	8,02	8,12	8,21	8,21	8,21	8,41	8,30
SC	3,52	3,67	3,39	3,45	3,25	3,02	3,20	3,05	3,09	3,25	3,21	3,28	3,36
SE	0,86	0,77	0,80	0,72	0,74	0,79	0,88	0,92	0,96	1,02	1,02	1,05	1,08
SP	20,42	20,54	21,90	23,12	23,02	22,85	22,43	21,83	21,55	20,83	20,44	20,28	19,75
TO	0,21	0,20	0,19	0,21	0,28	0,37	0,40	0,43	0,47	0,53	0,62	0,66	0,65

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 1.1.3 - Taxas de crescimento ano a ano do número de bolsistas do Pibic segundo a UF.

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2001-2013
Total	-5,05	2,83	7,95	6,99	9,85	7,01	4,88	9,72	12,25	6,45	2,15	1,25	88,51
AC	-23,08	-5,00	7,02	31,15	13,75	0,00	30,77	10,92	18,18	9,62	9,94	-9,57	117,95
AL	-6,01	-9,76	6,34	11,58	13,84	14,36	13,53	6,81	25,70	2,69	2,01	-2,87	103,16
AM	-5,23	-10,84	6,65	15,70	6,32	6,99	7,19	8,54	17,28	5,75	-1,25	-1,61	66,28
AP	-	-	60,00	0,00	68,75	7,41	103,45	33,90	15,19	16,48	2,83	22,02	-
BA	-6,94	-1,29	11,19	2,48	18,24	13,81	9,76	21,85	18,21	10,67	4,01	3,07	164,22
CE	-6,76	3,27	10,31	1,54	17,19	5,61	6,29	5,92	12,70	4,12	2,23	2,90	85,50
DF	-4,32	9,44	5,81	13,37	12,81	4,29	2,79	8,66	9,51	9,72	1,68	4,91	111,58
ES	-7,72	1,32	-4,78	10,05	8,71	10,69	9,31	10,09	20,06	19,09	4,01	-1,73	107,32
GO	2,87	9,22	5,12	4,38	12,82	11,16	10,04	16,22	19,77	10,44	3,52	2,55	177,59
MA	-11,38	7,34	-1,71	13,91	8,78	2,81	15,02	9,50	26,29	9,66	0,98	-0,39	108,94
MG	-8,09	-0,28	1,91	2,97	5,08	7,00	4,35	11,70	15,42	5,86	2,56	1,34	60,04
MS	3,04	1,27	17,08	30,25	16,94	27,10	8,82	12,50	18,92	7,07	0,47	0,00	270,43
MT	5,39	3,94	20,83	25,39	5,75	17,02	-2,63	16,60	1,25	8,44	1,94	2,54	167,63
PA	-5,15	3,15	0,00	5,77	10,27	15,43	6,56	14,20	12,02	13,23	5,88	0,00	115,28
PB	-8,66	-3,95	-3,76	6,59	7,10	9,95	8,56	8,69	13,03	8,10	2,56	3,42	62,06
PE	-2,85	6,05	6,95	17,58	8,86	4,43	6,30	6,51	11,23	4,21	-2,14	-0,44	88,34
PI	4,55	1,74	24,79	17,81	23,26	23,58	17,56	21,75	12,53	13,51	3,97	6,22	380,91
PR	-7,10	9,42	5,79	4,94	11,76	5,75	4,20	14,66	12,16	8,99	4,42	3,67	110,83
RJ	-6,82	-0,25	9,29	6,77	13,16	3,61	3,10	3,68	8,09	3,71	-0,21	2,88	56,44
RN	-8,59	-7,37	9,05	2,29	6,57	6,30	3,95	10,10	13,38	2,00	1,96	0,64	45,31
RO	-14,04	-8,16	13,33	56,86	22,50	-4,08	9,57	15,53	27,73	15,13	-4,00	-1,79	189,47
RR	-	-	40,00	61,90	38,24	-6,38	36,36	13,33	19,12	22,22	18,18	11,11	-
RS	2,64	0,81	4,92	1,62	3,78	6,63	6,14	10,93	12,27	6,48	4,61	-0,05	79,68
SC	-0,92	-4,98	9,74	1,00	1,98	13,25	0,10	11,03	18,15	5,22	4,34	3,63	80,05
SE	-14,95	6,04	-2,59	10,64	17,31	18,44	9,69	14,51	19,28	6,70	5,19	4,32	136,92
SP	-4,50	9,63	13,95	6,54	9,02	5,07	2,09	8,27	8,49	4,49	1,34	-1,39	82,31
TO	-13,21	-2,17	22,22	40,00	48,05	14,91	14,50	18,00	25,99	26,46	7,45	0,33	473,58

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 1.1.4 - Número total de bolsistas do Pibic por ano e região

UF	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	24.804	23.552	24.219	26.145	27.972	30.727	32.881	34.486	37.837	42.471	45.209	46.183	46.758
Centro-Oeste	1.838	1.824	1.962	2.140	2.475	2.779	3.083	3.214	3.598	4.027	4.396	4.478	4.619
Nordeste	5.368	5.000	4.997	5.306	5.732	6.422	6.979	7.554	8.354	9.615	10.222	10.407	10.595
Norte	1.306	1.215	1.197	1.258	1.448	1.636	1.794	1.992	2.252	2.619	2.940	3.053	3.056
Sudeste	11.866	11.137	11.590	12.696	13.451	14.731	15.478	15.938	17.139	18.853	19.772	20.012	20.098
Sul	4.426	4.376	4.473	4.745	4.866	5.159	5.547	5.788	6.494	7.357	7.879	8.233	8.390

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Nota: A informação sobre a região/UF da instituição do bolsista não estava disponível em 25 ocorrências. Um mesmo bolsista pode ser contado mais de uma vez em diferentes anos.

Tabela 1.1.5 - Distribuição percentual do número de bolsistas do Pibic por ano e região

UF	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro-Oeste	7,4	7,7	8,1	8,2	8,8	9,0	9,4	9,3	9,5	9,5	9,7	9,7	9,9
Nordeste	21,6	21,2	20,6	20,3	20,5	20,9	21,2	21,9	22,1	22,6	22,6	22,5	22,7
Norte	5,3	5,2	4,9	4,8	5,2	5,3	5,5	5,8	6,0	6,2	6,5	6,6	6,5
Sudeste	47,8	47,3	47,9	48,6	48,1	47,9	47,1	46,2	45,3	44,4	43,7	43,3	43,0
Sul	17,8	18,6	18,5	18,1	17,4	16,8	16,9	16,8	17,2	17,3	17,4	17,8	17,9

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 1.1.6 – Taxas de crescimento ano a ano do número de bolsistas do Pibic , região.

UF	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2001-2013
Total	-5,05	2,83	7,95	6,99	9,85	7,01	4,88	9,72	12,25	6,45	2,15	1,25	88,51
Centro-Oeste	-0,8	7,6	9,1	15,7	12,3	10,9	4,2	11,9	11,9	9,2	1,9	3,1	151,3
Nordeste	-6,9	-0,1	6,2	8,0	12,0	8,7	8,2	10,6	15,1	6,3	1,8	1,8	97,4
Norte	-7,0	-1,5	5,1	15,1	13,0	9,7	11,0	13,1	16,3	12,3	3,8	0,1	134,0
Sudeste	-6,1	4,1	9,5	5,9	9,5	5,1	3,0	7,5	10,0	4,9	1,2	0,4	69,4
Sul	-1,1	2,2	6,1	2,6	6,0	7,5	4,3	12,2	13,3	7,1	4,5	1,9	89,6

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração do CGEE

Tabela 1.1.7 - Número total de bolsistas do Pibic por ano do programa e grande área do conhecimento

Grande do conhecimento	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	24.804	23.552	24.219	26.155	27.972	30.732	32.881	34.486	37.842	42.476	45.209	46.183	46.758
Ciências Agrárias	4.310	3.101	3.217	3.425	3.630	4.045	4.407	4.575	4.990	5.837	6.353	6.284	6.214
Ciências Biológicas	3.792	3.838	3.904	4.214	4.557	5.016	5.319	5.573	6.017	6.514	6.782	6.837	6.644
Ciências da Saúde	3.374	3.391	3.384	3.649	3.909	4.467	4.860	5.195	5.886	6.705	7.252	7.487	7.336
Ciências Exatas e da Terra	3.492	3.420	3.631	3.912	4.287	4.442	4.697	4.785	5.000	5.427	5.692	5.671	5.332
Ciências Humanas	3.442	3.389	3.393	3.734	3.995	4.428	4.734	5.033	5.621	6.245	6.534	6.727	6.501
Ciências Sociais Aplicadas	1.853	1.868	1.945	2.118	2.163	2.363	2.448	2.579	2.821	3.250	3.550	3.717	3.723
Engenharias e C. da Computação	3.297	3.409	3.529	3.774	4.036	4.362	4.705	4.822	5.194	5.805	6.024	6.160	5.908
Linguística, Letras e Artes	1.160	1.095	1.138	1.223	1.288	1.468	1.526	1.633	1.845	2.121	2.274	2.201	2.114
Não informado	70	6	-	1	-	-	-	-	-	22	4	7	4
Outra	14	35	78	105	107	141	185	291	468	549	729	778	549
Tecnologias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	15	314	2.433

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Nota: Um mesmo bolsista pode ser contado mais de uma vez em diferentes anos.

Tabela 1.1.8 - Distribuição percentual dos bolsistas do Pibic por grande área do conhecimento por ano do programa

Grande área do conhecimento	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Ciências Agrárias	17,38	13,17	13,28	13,10	12,98	13,16	13,40	13,27	13,19	13,74	14,05	13,61	13,29
Ciências Biológicas	15,29	16,30	16,12	16,11	16,29	16,32	16,18	16,16	15,90	15,34	15,00	14,80	14,21
Ciências da Saúde	13,60	14,40	13,97	13,95	13,97	14,54	14,78	15,06	15,55	15,79	16,04	16,21	15,69
Ciências Exatas e da Terra	14,08	14,52	14,99	14,96	15,33	14,45	14,28	13,88	13,21	12,78	12,59	12,28	11,40
Ciências Humanas	13,88	14,39	14,01	14,28	14,28	14,41	14,40	14,59	14,85	14,70	14,45	14,57	13,90
Ciências Sociais Aplicadas	7,47	7,93	8,03	8,10	7,73	7,69	7,45	7,48	7,45	7,65	7,85	8,05	7,96
Engenharias e Ciência da Computação	13,29	14,47	14,57	14,43	14,43	14,19	14,31	13,98	13,73	13,67	13,32	13,34	12,64
Linguística, Letras e Artes	4,68	4,65	4,70	4,68	4,60	4,78	4,64	4,74	4,88	4,99	5,03	4,77	4,52
Não disponível	0,28	0,03	-	-	-	-	-	-	-	0,05	0,01	0,02	0,01
Outra	0,06	0,15	0,32	0,40	0,38	0,46	0,56	0,84	1,24	1,29	1,61	1,68	1,17
Tecnologias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,03	0,68	5,20

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 1.1.9 - Taxas de crescimento ano a ano do número de bolsistas do Pibic segundo a grande área do conhecimento.

Grande área do conhecimento	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	-5,05	2,83	7,95	6,99	9,85	7,01	4,88	9,72	12,25	6,45	2,15	1,25
Ciências Agrárias	-28,05	3,74	6,47	5,99	11,43	8,95	3,81	9,07	16,97	8,84	-1,09	-1,11
Ciências Biológicas	1,21	1,72	7,94	8,14	10,07	6,04	4,78	7,97	8,26	4,11	0,81	-2,82
Ciências da Saúde	0,50	-0,21	7,83	7,13	14,27	8,80	6,89	13,30	13,91	8,16	3,24	-2,02
Ciências Exatas e da Terra	-2,06	6,17	7,74	9,59	3,62	5,74	1,87	4,49	8,54	4,88	-0,37	-5,98
Ciências Humanas	-1,54	0,12	10,05	6,99	10,84	6,91	6,32	11,68	11,10	4,63	2,95	-3,36
Ciências Sociais Aplicadas	0,81	4,12	8,89	2,12	9,25	3,60	5,35	9,38	15,21	9,23	4,70	0,16
Engenharias e Ciência da Computação	3,40	3,52	6,94	6,94	8,08	7,86	2,49	7,71	11,76	3,77	2,26	-4,09
Linguística, Letras e Artes	-5,60	3,93	7,47	5,31	13,98	3,95	7,01	12,98	14,96	7,21	-3,21	-3,95
Não disponível	-91,43	-100,00	-	-100,00	-	-	-	-	-	-81,82	75,00	-42,86
Outra	150,00	122,86	34,62	1,90	31,78	31,21	57,30	60,82	17,31	32,79	6,72	-29,43
Tecnologias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.400,00	1.993,33	674,84

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 1.1.10 - Número de bolsistas do Pibic por sexo e ano do programa

Ano	Masculino	Feminino	Não disponível	Total
2001	11.262	13.514	28	24.804
2002	10.535	13.011	6	23.552
2003	10.739	13.400	80	24.219
2004	11.629	14.328	198	26.155
2005	12.405	15.282	285	27.972
2006	13.449	16.992	291	30.732
2007	14.193	18.441	247	32.881
2008	14.862	19.521	103	34.486
2009	16.171	21.665	6	37.842
2010	17.853	24.619	4	42.476
2011	18.435	26.773	1	45.209
2012	18.350	27.833	-	46.183
2013	18.525	28.233	-	46.758

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Nota: Um mesmo bolsista pode ser contado mais de uma vez em diferentes anos.

Tabela 1.1.11 - Distribuição percentual dos bolsistas do Pibic por sexo e ano do programa

Ano	Masculino	Feminino	Não disponível	Total
2001	45,40	54,48	0,11	100,00
2002	44,73	55,24	0,03	100,00
2003	44,34	55,33	0,33	100,00
2004	44,46	54,78	0,76	100,00
2005	44,35	54,63	1,02	100,00
2006	43,76	55,29	0,95	100,00
2007	43,16	56,08	0,75	100,00
2008	43,10	56,61	0,30	100,00
2009	42,73	57,25	0,02	100,00
2010	42,03	57,96	0,01	100,00
2011	40,78	59,22	-	100,00
2012	39,73	60,27	-	100,00
2013	39,62	60,38	-	100,00

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 1.1.12 - Número total de bolsistas do Pibic , por ano do programa, sexo e grande área do conhecimento

Sexo	Grande do conhecimento	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
	Total	24.804	23.552	24.219	26.155	27.972	30.732	32.881	34.486	37.842	42.476	45.209	46.183	46.758
Feminino	Ciências Agrárias	2.140	1.504	1.603	1.666	1.794	2.062	2.298	2.357	2.626	3.165	3.529	3.589	3.473
	Ciências Biológicas	2.288	2.393	2.490	2.732	2.922	3.200	3.443	3.681	4.017	4.342	4.572	4.675	4.535
	Ciências da Saúde	2.267	2.284	2.293	2.505	2.733	3.101	3.387	3.665	4.229	4.835	5.323	5.515	5.454
	Ciências Exatas e da Terra	1.550	1.498	1.607	1.708	1.817	1.907	2.054	2.083	2.248	2.528	2.658	2.705	2.585
	Ciências Humanas	2.331	2.349	2.332	2.454	2.590	2.910	3.208	3.400	3.725	4.171	4.438	4.572	4.354
	Ciências Sociais Aplicadas	1.166	1.182	1.190	1.267	1.298	1.438	1.486	1.574	1.738	1.996	2.197	2.372	2.388
	Engenharias e Ciência da Computação	908	976	1.021	1.073	1.172	1.278	1.411	1.464	1.562	1.789	2.035	2.260	2.227
	Linguística, Letras e Artes	818	802	822	855	890	1.008	1.033	1.109	1.249	1.454	1.594	1.536	1.453
	Não informado	36	3	-	1	-	-	-	-	-	16	2	4	2
	Outra	10	20	42	67	66	88	121	188	271	323	416	421	313
Tecnologias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	184	1.449	
Masculino	Ciências Agrárias	2.165	1.597	1.605	1.737	1.806	1.951	2.086	2.211	2.364	2.672	2.824	2.695	2.741
	Ciências Biológicas	1.501	1.445	1.407	1.468	1.617	1.797	1.852	1.880	1.999	2.171	2.210	2.162	2.109
	Ciências da Saúde	1.100	1.105	1.079	1.114	1.133	1.326	1.437	1.513	1.656	1.870	1.929	1.972	1.882
	Ciências Exatas e da Terra	1.939	1.922	2.018	2.183	2.440	2.504	2.617	2.693	2.752	2.898	3.033	2.966	2.747
	Ciências Humanas	1.109	1.039	1.048	1.245	1.364	1.479	1.491	1.614	1.894	2.073	2.096	2.155	2.147
	Ciências Sociais Aplicadas	686	684	739	816	819	880	928	994	1.082	1.253	1.353	1.345	1.335
	Engenharias e Ciência da Computação	2.383	2.432	2.493	2.668	2.801	3.020	3.246	3.339	3.631	4.016	3.989	3.900	3.681
	Linguística, Letras e Artes	341	293	315	360	384	440	473	515	596	667	680	665	661
	Não informado	34	3	-	-	-	-	-	-	-	6	2	3	2
	Outra	4	15	35	38	41	52	63	103	197	226	313	357	236
Tecnologias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	6	130	984	

Continua

Sexo	Grande do conhecimento	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
	Total		24.804	23.552	24.219	26.155	27.972	30.732	32.881	34.486	37.842	42.476	45.209	46.183
Não disponível	Ciências Agrárias	5	-	9	22	30	32	23	7	-	-	-	-	-
	Ciências Biológicas	3	-	7	14	18	19	24	12	1	1	-	-	-
	Ciências da Saúde	7	2	12	30	43	40	36	17	1	-	-	-	-
	Ciências Exatas e da Terra	3	-	6	21	30	31	26	9	-	1	1	-	-
	Ciências Humanas	2	1	13	35	41	39	35	19	2	1	-	-	-
	Ciências Sociais Aplicadas	1	2	16	35	46	45	34	11	1	1	-	-	-
	Engenharias e Ciência da Computação	6	1	15	33	63	64	48	19	1	-	-	-	-
	Linguística, Letras e Artes	1	-	1	8	14	20	20	9	-	-	-	-	-
	Não disponível	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Outra	-	-	1	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-
Tecnologias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	

Nota: Um mesmo bolsista pode ser contado mais de uma vez em diferentes anos.

Tabela 1.1.13 - Distribuição percentual dos bolsistas do Pibic, por ano do programa, sexo e grande área do conhecimento

Sexo	Grande área do conhecimento	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	
	Total	100,00	10,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	
Feminino	Ciências Agrárias	15,84	11,56	11,96	11,63	11,74	12,14	12,46	12,07	12,12	12,86	13,18	12,89	12,30	
	Ciências Biológicas	16,93	18,39	18,58	19,07	19,12	18,83	18,67	18,86	18,54	17,64	17,08	16,80	16,06	
	Ciências da Saúde	16,78	17,55	17,11	17,48	17,88	18,25	18,37	18,77	19,52	19,64	19,88	19,81	19,32	
	Ciências Exatas e da Terra	11,47	11,51	11,99	11,92	11,89	11,22	11,14	10,67	10,38	10,27	9,93	9,72	9,16	
	Ciências Humanas	17,25	18,05	17,40	17,13	16,95	17,13	17,40	17,42	17,19	16,94	16,58	16,43	15,42	
	Ciências Sociais Aplicadas	8,63	9,08	8,88	8,84	8,49	8,46	8,06	8,06	8,02	8,11	8,21	8,52	8,46	
	Engenharias e Ciência da Computação	6,72	7,50	7,62	7,49	7,67	7,52	7,65	7,50	7,21	7,27	7,60	8,12	7,89	
	Linguística, Letras e Artes	6,05	6,16	6,13	5,97	5,82	5,93	5,60	5,68	5,77	5,91	5,95	5,52	5,15	
	Não informado	0,27	0,02	-	0,01	-	-	-	-	-	-	0,06	0,01	0,01	0,01
	Outra	0,07	0,15	0,31	0,47	0,43	0,52	0,66	0,96	1,25	1,31	1,55	1,51	1,11	
	Tecnologias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,03	0,66	5,13
	Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	
Masculino	Ciências Agrárias	19,22	15,16	14,95	14,94	14,56	14,51	14,70	14,88	14,62	14,97	15,32	14,69	14,80	
	Ciências Biológicas	13,33	13,72	13,10	12,62	13,04	13,36	13,05	12,65	12,36	12,16	11,99	11,78	11,38	
	Ciências da Saúde	9,77	10,49	10,05	9,58	9,13	9,86	10,12	10,18	10,24	10,47	10,46	10,75	10,16	
	Ciências Exatas e da Terra	17,22	18,24	18,79	18,77	19,67	18,62	18,44	18,12	17,02	16,23	16,45	16,16	14,83	
	Ciências Humanas	9,85	9,86	9,76	10,71	11,00	11,00	10,51	10,86	11,71	11,61	11,37	11,74	11,59	
	Ciências Sociais Aplicadas	6,09	6,49	6,88	7,02	6,60	6,54	6,54	6,69	6,69	7,02	7,34	7,33	7,21	
	Engenharias e Ciência da Computação	21,16	23,08	23,21	22,94	22,58	22,46	22,87	22,47	22,45	22,49	21,64	21,25	19,87	
	Linguística, Letras e Artes	3,03	2,78	2,93	3,10	3,10	3,27	3,33	3,47	3,69	3,74	3,69	3,62	3,57	
	Não informado	0,30	0,03	-	-	-	-	-	-	-	-	0,03	0,01	0,02	0,01
	Outra	0,04	0,14	0,33	0,33	0,33	0,39	0,44	0,69	1,22	1,27	1,70	1,95	1,27	
	Tecnologias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,01	0,03	0,71	5,31

Tabela 1.1.14 - Número de bolsistas Pibic por categoria administrativa e região da IES

região	Natureza Jurídica	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Centro-Oeste	Privada	110	105	125	184	244	288	298	305	333	417	453	463	481
	Público Estadual	-	-	20	50	92	126	161	178	238	289	313	326	349
	Público Federal	1.728	1.719	1.817	1.906	2.139	2.365	2.624	2.731	3.027	3.321	3.625	3.677	3.773
	Público Municipal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	12	16
Nordeste	Privada	41	36	57	114	203	308	370	384	401	491	538	563	545
	Público Estadual	580	514	559	698	913	1.063	1.224	1.349	1.613	1.946	2.021	2.048	2.092
	Público Federal	4.747	4.450	4.381	4.494	4.616	5.051	5.385	5.821	6.340	7.178	7.663	7.796	7.958
	Público Municipal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Norte	Privada	-	-	-	16	48	54	55	60	59	71	91	99	115
	Público Estadual	53	46	55	49	45	68	82	119	151	202	236	267	288
	Público Federal	1.253	1.169	1.142	1.193	1.355	1.514	1.657	1.813	2.042	2.346	2.613	2.687	2.653
	Público Municipal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sudeste	Privada	1.048	935	1.038	1.204	1.417	1.678	1.834	1.848	1.984	2.339	2.517	2.693	2.790
	Público Estadual	3.910	3.779	4.229	4.861	5.077	5.391	5.504	5.614	5.999	6.351	6.547	6.503	6.485
	Público Federal	6.908	6.423	6.302	6.580	6.876	7.538	8.020	8.342	9.009	9.999	10.532	10.628	10.645
	Público Municipal	-	-	21	51	81	124	120	134	147	164	176	188	178
Sul	Privada	611	592	640	794	818	916	994	994	1.140	1.356	1.512	1.623	1.645
	Público Estadual	948	926	946	970	1.023	1.160	1.200	1.291	1.489	1.714	1.866	1.922	2.023
	Público Federal	2.809	2.793	2.831	2.922	2.959	3.009	3.279	3.423	3.780	4.186	4.405	4.582	4.629
	Público Municipal	58	65	56	59	66	74	74	80	85	101	96	106	93

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 1.1.15 - Número de bolsistas por categoria administrativa e Região da IES

região	Natureza Jurídica	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Centro-Oeste	Privada	110	105	125	184	244	288	298	305	333	417	453	463	481
	Pública	1.728	1.719	1.837	1.956	2.231	2.491	2.785	2.909	3.265	3.610	3.943	4.015	4.138
Nordeste	Privada	41	36	57	114	203	308	370	384	401	491	538	563	545
	Pública	5.327	4.964	4.940	5.192	5.529	6.114	6.609	7.170	7.953	9.124	9.684	9.844	10.050
Norte	Privada	1.306	1.215	1.197	1.242	1.400	1.582	1.739	1.932	2.193	2.548	2.849	2.954	2.941
	Pública	1.306	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sudeste	Privada	1.048	935	1.038	1.204	1.417	1.678	1.834	1.848	1.984	2.339	2.517	2.693	2.790
	Pública	10.818	10.202	10.552	11.492	12.034	13.053	13.644	14.090	15.155	16.514	17.255	17.319	17.308
Sul	Privada	611	592	640	794	818	916	994	994	1.140	1.356	1.512	1.623	1.645
	Pública	3.815	3.784	3.833	3.951	4.048	4.243	4.553	4.794	5.354	6.001	6.367	6.610	6.745

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Pibiti

Tabela 1.2.1 - Número total de bolsistas de Pibiti por ano e UF

UF	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	394	869	1.045	3.472	5.629	6.088	7.133
AC	5	11	11	25	41	38	42
AL	11	21	25	41	52	68	73
AM	-	-	-	37	52	51	77
AP	-	-	-	-	-	4	5
BA	28	57	67	177	283	292	297
CE	21	46	62	146	230	217	251
DF	-	-	-	37	69	114	190
ES	10	17	20	59	83	79	76
GO	5	18	26	103	177	178	202
MA	-	9	9	35	44	30	62
MG	24	60	75	334	555	626	703
MS	-	-	-	30	59	78	82
MT	-	5	10	52	92	95	109
PA	-	5	5	24	43	51	55
PB	11	23	24	115	214	226	291
PE	-	5	10	74	132	142	159
PI	-	5	11	18	33	38	40
PR	52	107	141	385	632	674	729
RJ	98	184	188	489	743	730	936
RN	10	27	36	101	148	156	166
RO	-	-	-	10	26	14	16
RR	-	-	-	-	4	10	11
RS	32	75	100	421	708	769	910
SC	11	31	36	193	324	405	455
SE	-	-	-	35	71	104	148
SP	76	163	189	519	789	870	1.014
TO	-	-	-	12	25	29	34

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 1.2.2 - Distribuição percentual do número de bolsistas do Pibiti por ano e UF

UF	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	10-	10-	10-	10-	10-	10-	10-
AC	1,27	1,27	1,05	0,72	0,73	0,62	0,59
AL	2,79	2,42	2,39	1,18	0,92	1,12	1,02
AM	-	-	-	1,07	0,92	0,84	1,08
AP	-	-	-	-	-	0,07	0,07
BA	7,11	6,56	6,41	5,10	5,03	4,80	4,16
CE	5,33	5,29	5,93	4,21	4,09	3,56	3,52
DF	-	-	-	1,07	1,23	1,87	2,66
ES	2,54	1,96	1,91	1,70	1,47	1,30	1,07
GO	1,27	2,07	2,49	2,97	3,14	2,92	2,83
MA	-	1,04	0,86	1,01	0,78	0,49	0,87
MG	6,09	6,90	7,18	9,62	9,86	10,28	9,86
MS	-	-	-	0,86	1,05	1,28	1,15
MT	-	0,58	0,96	1,50	1,63	1,56	1,53
PA	-	0,58	0,48	0,69	0,76	0,84	0,77
PB	2,79	2,65	2,30	3,31	3,80	3,71	4,08
PE	-	0,58	0,96	2,13	2,34	2,33	2,23
PI	-	0,58	1,05	0,52	0,59	0,62	0,56
PR	13,20	12,31	13,49	11,09	11,23	11,07	10,22
RJ	24,87	21,17	17,99	14,08	13,20	11,99	13,12
RN	2,54	3,11	3,44	2,91	2,63	2,56	2,33
RO	-	-	-	0,29	0,46	0,23	0,22
RR	-	-	-	-	0,07	0,16	0,15
RS	8,12	8,63	9,57	12,13	12,58	12,63	12,76
SC	2,79	3,57	3,44	5,56	5,76	6,65	6,38
SE	-	-	-	1,01	1,26	1,71	2,07
SP	19,29	18,76	18,09	14,95	14,02	14,29	14,22
TO	-	-	-	0,35	0,44	0,48	0,48

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 1.2.3 - Número total de bolsistas do Pibiti por ano e região

UF	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	394	869	1.045	3.472	5.629	6.088	7.133
Centro-Oeste	5	23	36	222	397	465	583
Nordeste	81	193	244	742	1.207	1.273	1.487
Norte	5	16	16	108	191	197	240
Sudeste	208	424	472	1.401	2.170	2.305	2.729
Sul	95	213	277	999	1.664	1.848	2.094

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Nota: Um mesmo bolsista pode ser contado mais de uma vez em diferentes anos.

Tabela 1.2.4 - Distribuição percentual do número de bolsistas do Pibiti por ano e região

UF	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Centro-Oeste	1,3	2,6	3,4	6,4	7,1	7,6	8,2
Nordeste	20,6	22,2	23,3	21,4	21,4	20,9	20,8
Norte	1,3	1,8	1,5	3,1	3,4	3,2	3,4
Sudeste	52,8	48,8	45,2	40,4	38,6	37,9	38,3
Sul	24,1	24,5	26,5	28,8	29,6	30,4	29,4

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Nota: Um mesmo bolsista pode ser contado mais de uma vez em diferentes anos.

Tabela 1.2.5 – Taxa de crescimento do número de bolsistas do Pibiti por ano e região

UF	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2007-2013
Total	120,56	20,25	232,25	62,13	8,15	17,16	1.710,41
Centro-Oeste	360,00	56,50	516,70	78,80	17,10	25,40	11.560,00
Nordeste	138,30	26,40	204,10	62,70	5,50	16,80	1.735,80
Norte	220,00	0,00	575,00	76,90	3,10	21,80	4.700,00
Sudeste	103,80	11,30	196,80	54,90	6,20	18,40	1.212,00
Sul	124,20	30,00	260,60	66,60	11,10	13,30	2.104,20

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 1.2.6 - Número total de bolsistas do Pibiti por ano do programa e grande área do conhecimento

Grande área do conhecimento	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	394	869	1.045	3.472	5.629	6.088	7.133
Ciências Agrárias	29	79	120	567	1.023	1.164	1.257
Ciências Biológicas	42	94	138	357	533	560	685
Ciências da Saúde	20	46	57	206	336	415	510
Ciências Exatas e da Terra	78	176	208	544	830	875	985
Ciências Humanas	12	24	23	89	155	189	203
Ciências Sociais Aplicadas	10	21	26	109	163	159	202
Engenharias e Ciência da Computação	198	407	445	1.436	2.290	2.366	2.816
Linguística, Letras e Artes	3	8	9	35	77	74	55
Não informado	-	-	-	1	-	-	-
Outra	2	14	19	128	218	154	138
Tecnologias	-	-	-	-	4	132	282

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Nota: Um mesmo bolsista pode ser contado mais de uma vez em diferentes anos.

Tabela 1.2.7 - Distribuição percentual dos bolsistas do Pibiti segundo a grande área do conhecimento por ano do programa

Grande área do conhecimento	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	10-	10-	10-	10-	10-	10-	10-
Ciências Agrárias	7,36	9,09	11,48	16,33	18,17	19,12	17,62
Ciências Biológicas	10,66	10,82	13,21	10,28	9,47	9,20	9,60
Ciências da Saúde	5,08	5,29	5,45	5,93	5,97	6,82	7,15
Ciências Exatas e da Terra	19,80	20,25	19,90	15,67	14,75	14,37	13,81
Ciências Humanas	3,05	2,76	2,20	2,56	2,75	3,10	2,85
Ciências Sociais Aplicadas	2,54	2,42	2,49	3,14	2,90	2,61	2,83
Engenharias e Ciência da Computação	50,25	46,84	42,58	41,36	40,68	38,86	39,48
Linguística, Letras e Artes	0,76	0,92	0,86	1,01	1,37	1,22	0,77
Não informado	-	-	-	0,03	-	-	-
Outra	0,51	1,61	1,82	3,69	3,87	2,53	1,93
Tecnologias	-	-	-	-	0,07	2,17	3,95

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 1.2.8 - Número de bolsistas do Pibiti por sexo e ano do programa

Ano	Masculino	Feminino	Não Informado	Total
2007	246	146	2	394
2008	523	344	2	869
2009	602	443	-	1.045
2010	1.892	1.580	-	3.472
2011	2.985	2.644	-	5.629
2012	3.076	3.012	-	6.088
2013	3.670	3.463	-	7.133

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Nota: Um mesmo bolsista pode ser contado mais de uma vez em diferentes anos.

Tabela 1.2.9 - Distribuição percentual dos bolsistas do Pibiti por sexo e ano do programa

Ano	Masculino	Feminino	Não Informado	Total
2007	62,44	37,06	0,51	100,00
2008	63,09	41,50	0,24	100,00
2009	57,61	42,39	-	100,00
2010	54,49	45,51	-	100,00
2011	53,03	46,97	-	100,00
2012	50,53	49,47	-	100,00
2013	51,45	48,55	-	100,00

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 1.2.10 - Número de bolsistas por categoria administrativa da IES

Natureza Jurídica	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	394	869	1.045	3.472	5.629	6.088	7.133
Privada	39	65	76	443	755	929	1.245
Pública	355	804	969	3.029	4.874	5.159	5.888

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Nota: Um mesmo bolsista pode ser contado mais de uma vez em diferentes anos.

Bolsas-ano

Tabela 2.0.1 - Número total de bolsas-ano por ano e tipo de bolsa

Ano	Pibic	Iniciação Científica	Pibiti	Total
2001	14.449	4.333	-	18.782
2002	14.041	4.814	-	18.855
2003	13.560	4.687	-	18.248
2004	14.555	4.701	-	19.257
2005	15.579	4.344	-	19.922
2006	17.157	3.553	-	20.710
2007	17.970	3.053	153	21.175
2008	18.503	3.312	411	22.227
2009	20.279	3.768	540	24.587
2010	22.713	4.062	1.401	28.176
2011	24.217	4.363	2.590	31.169
2012	24.470	3.945	2.956	31.370
2013	24.294	2.344	3.392	30.030

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 2.0.2 - Taxas de crescimento ano a ano do número total de bolsas-ano por tipo de bolsa recebido

Ano	Pibic	Iniciação Científica	Pibiti	Total
2002	-2,82	11,10	-	0,39
2003	-3,43	-2,64	-	-3,22
2004	7,34	0,30	-	5,53
2005	7,04	-7,59	-	3,45
2006	10,13	-18,21	-	3,96
2007	4,74	-14,07	-	2,25
2008	2,97	8,48	168,63	4,97
2009	9,60	13,77	31,39	10,62
2010	12,00	7,80	159,44	14,60
2011	6,62	7,41	84,87	10,62
2012	1,04	-9,58	14,13	0,64
2013	-0,72	-40,58	14,75	-4,27

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Pibic

Tabela 2.1.1 - Número total de bolsas-ano do Pibic por ano e UF

UF	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	14.449	14.041	13.560	14.551	15.579	17.156	17.970	18.503	20.277	22.711	24.217	24.470	24.294
AC	42	41	35	36	42	51	52	58	63	80	81	78	90
AL	185	176	156	158	178	198	209	238	272	322	348	354	346
AM	280	269	243	244	277	318	324	339	367	413	444	443	435
AP	-	-	3	10	9	13	16	38	39	49	56	60	72
BA	425	406	384	412	455	526	576	620	733	888	976	995	994
CE	564	542	512	561	608	686	722	743	784	858	921	910	912
DF	585	555	563	649	683	799	809	812	879	973	1.049	1.071	1.067
ES	134	129	121	122	126	136	150	159	185	222	252	270	264
GO	200	199	208	224	238	265	287	307	362	445	491	504	509
MA	144	135	127	133	143	162	168	177	206	255	275	283	284
MG	1.585	1.525	1.402	1.418	1.468	1.559	1.593	1.665	1.876	2.145	2.293	2.302	2.302
MS	136	134	136	153	187	224	269	308	353	420	462	463	457
MT	151	144	134	186	228	240	253	264	281	303	326	337	332
PA	356	358	340	339	361	400	438	478	531	626	670	693	696
PB	571	545	488	487	511	556	590	613	668	748	815	831	831
PE	653	655	628	666	776	855	890	915	985	1.082	1.140	1.103	1.076
PI	64	63	66	80	92	117	129	167	190	233	258	269	277
PR	797	777	760	804	836	941	1.010	1.006	1.148	1.323	1.435	1.475	1.502
RJ	2.268	2.163	2.037	2.194	2.347	2.600	2.727	2.679	2.831	3.011	3.165	3.175	3.109
RN	449	425	387	394	414	448	458	467	504	568	598	590	581
RO	34	30	24	27	41	53	51	52	62	75	89	85	86
RR	-	-	6	15	18	25	24	28	40	44	56	64	68
RS	1.344	1.327	1.300	1.350	1.398	1.489	1.539	1.595	1.762	1.941	2.056	2.070	2.070
SC	506	499	479	489	508	529	549	562	623	718	774	790	806
SE	115	111	103	109	115	130	144	160	183	219	246	256	264
SP	2.837	2.804	2.894	3.265	3.479	3.779	3.926	3.984	4.260	4.629	4.792	4.832	4.698
TO	28	26	24	27	39	57	67	73	91	120	149	164	165

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 2.1.2 - Número total de bolsas-ano do Pibic por ano e região

Região	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	14.449	14.041	13.560	14.551	15.579	17.156	17.970	18.503	20.277	22.711	24.217	24.470	24.294
Centro-Oeste	1.071	1.033	1.041	1.213	1.336	1.529	1.618	1.690	1.876	2.141	2.328	2.375	2.365
Nordeste	3.170	3.059	2.850	3.000	3.293	3.677	3.887	4.098	4.524	5.174	5.577	5.592	5.565
Norte	738	725	677	698	788	917	970	1.065	1.192	1.407	1.546	1.588	1.613
Sudeste	6.823	6.621	6.454	6.998	7.421	8.074	8.396	8.487	9.153	10.007	10.501	10.580	10.373
Sul	2.647	2.603	2.539	2.643	2.741	2.959	3.098	3.163	3.532	3.982	4.265	4.335	4.379

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 2.1.3 - Número total de bolsas-ano Pibic por ano e grande área do conhecimento

Grande área do conhecimento	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	14.449	14.041	13.560	14.555	15.579	17.157	17.970	18.503	20.279	22.713	24.217	24.470	24.294
Ciências Agrárias	2.664	1.905	1.852	1.982	2.080	2.307	2.474	2.517	2.752	3.228	3.485	3.403	3.321
Ciências Biológicas	2.262	2.362	2.266	2.410	2.593	2.870	2.952	3.063	3.294	3.522	3.696	3.700	3.538
Ciências da Saúde	1.887	1.971	1.862	1.964	2.132	2.474	2.640	2.767	3.107	3.559	3.883	3.932	3.883
Ciências Exatas e da Terra	2.052	2.095	2.046	2.226	2.408	2.568	2.618	2.632	2.768	2.993	3.105	3.084	2.912
Ciências Humanas	2.026	1.991	1.910	2.085	2.259	2.447	2.595	2.712	2.998	3.338	3.497	3.614	3.441
Ciências Sociais Aplicadas	997	1.055	1.053	1.107	1.148	1.241	1.286	1.323	1.437	1.619	1.815	1.890	1.879
Engenharias e Ciência da Computação	1.827	1.982	1.889	2.035	2.168	2.371	2.486	2.479	2.710	3.030	3.129	3.123	3.050
Linguística, Letras e Artes	679	656	642	684	727	806	829	864	975	1.116	1.227	1.162	1.087
Não informado	49	4	-	-	-	-	-	-	-	17	2	5	3
Outra	6	20	41	63	63	73	89	148	238	291	371	408	300
Tecnologias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	151	881

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 2.1.4 - Número total de bolsas-ano do Pibic, por ano e sexo

Ano	Masculino	Feminino	Não Informado	Total
2001	6.548	7.887	14	14.449
2002	6.329	7.709	3	14.041
2003	6.026	7.502	32	13.560
2004	6.462	7.997	96	14.555
2005	6.945	8.497	137	15.579
2006	7.519	9.500	138	17.157
2007	7.760	10.089	120	17.970
2008	7.930	10.524	49	18.503
2009	8.675	11.600	4	20.279
2010	9.561	13.150	2	22.713
2011	9.878	14.339	-	24.217
2012	9.670	14.800	-	24.470
2013	9.558	14.736	-	24.294

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 2.1.5 - Número de bolsas-ano Pibic por categoria administrativa da IES

Ano	Privada	Público		
		Federal	Estadual	Municipal
2001	1.011	10.318	3.085	35
2002	971	9.996	3.042	33
2003	997	9.360	3.167	37
2004	1.228	9.664	3.606	58
2005	1.463	10.157	3.884	75
2006	1.752	11.066	4.237	102
2007	1.896	11.601	4.372	101
2008	1.901	11.993	4.501	108
2009	2.048	13.142	4.968	120
2010	2.423	14.641	5.514	136
2011	2.676	15.621	5.782	139
2012	2.812	15.653	5.855	149
2013	2.901	15.479	5.766	149

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 2.1.6 - Número de bolsas-ano por categoria administrativa e região da IES

Região	Natureza Jurídica	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Centro-Oeste	Privada	60	60	63	89	131	152	155	160	175	212	238	250	249
	Público Estadual	-	-	8	26	45	68	81	90	114	145	159	169	179
	Público Federal	1.011	973	970	1.097	1.160	1.309	1.382	1.440	1.586	1.784	1.928	1.950	1.929
	Público Municipal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	6	8
Nordeste	Privada	22	21	31	59	108	162	196	198	210	245	272	281	278
	Público Estadual	338	325	319	381	497	616	662	725	842	1.024	1.102	1.094	1.104
	Público Federal	2.810	2.713	2.499	2.560	2.688	2.898	3.028	3.176	3.472	3.904	4.203	4.217	4.183
	Público Municipal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Norte	Privada	-	-	-	5	18	30	29	29	30	32	42	45	57
	Público Estadual	28	26	27	28	24	35	42	68	75	103	122	139	155
	Público Federal	711	699	650	664	747	852	899	968	1.086	1.272	1.382	1.404	1.400
	Público Municipal	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sudeste	Privada	587	552	550	655	757	902	972	966	1.022	1.212	1.326	1.394	1.443
	Público Estadual	2.174	2.157	2.299	2.632	2.750	2.887	2.925	2.946	3.147	3.322	3.394	3.424	3.277
	Público Federal	4.062	3.912	3.598	3.687	3.872	4.223	4.438	4.506	4.909	5.388	5.693	5.666	5.562
	Público Municipal	-	-	7	24	41	62	62	69	75	85	88	95	91
Sul	Privada	342	337	352	420	449	505	544	549	612	722	798	842	874
	Público Estadual	546	533	513	538	568	630	662	673	790	920	1.004	1.029	1.051
	Público Federal	1.724	1.699	1.643	1.655	1.690	1.785	1.854	1.902	2.088	2.292	2.415	2.416	2.405
	Público Municipal	35	33	30	30	34	40	39	39	43	48	49	48	49

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 2.1.7 - Número de bolsas-ano por categoria administrativa e região da IES

Região	Natureza Jurídica	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Centro-Oeste	Privada	60	60	63	89	131	152	155	160	175	212	238	250	249
	Pública	1.011	973	978	1.123	1.205	1.377	1.463	1.530	1.701	1.929	2.089	2.126	2.116
Nordeste	Privada	22	21	31	59	108	162	196	198	210	245	272	281	278
	Pública	3.148	3.038	2.819	2.941	3.185	3.515	3.691	3.901	4.314	4.929	5.305	5.311	5.287
Norte	Privada	-	-	-	5	18	30	29	29	30	32	42	45	57
	Pública	738	725	677	692	770	887	941	1.036	1.162	1.375	1.504	1.542	1.555
Sudeste	Privada	587	552	550	655	757	902	972	966	1.022	1.212	1.326	1.394	1.443
	Pública	6.236	6.068	5.903	6.343	6.664	7.171	7.424	7.521	8.131	8.795	9.175	9.185	8.930
Sul	Privada	342	337	352	420	449	505	544	549	612	722	798	842	874
	Pública	2.305	2.266	2.186	2.223	2.292	2.454	2.555	2.614	2.921	3.260	3.468	3.493	3.505

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 2.1.8 - Distribuição do número de bolsas ano dos Programas Pibic e Pibiti pelas grandes áreas do conhecimento, 2001 e 2013

	Pibic		Pibiti	Pibic		Pibiti
	2001	2013	2013	2001	2013	2013
Brasil	14.449	24.294	3.392	100,00	87,75	12,25
Ciências Agrárias	2.664	3.321	623	18,44	12,00	2,25
Ciências Biológicas	2.262	3.538	333	15,66	12,78	1,20
Ciências da Saúde	1.887	3.883	252	13,06	14,03	0,91
Ciências Exatas e da Terra	2.052	2.912	492	14,20	10,52	1,78
Ciências Humanas	2.026	3.441	95	14,02	12,43	0,34
Ciências Sociais Aplicadas	997	1.879	92	6,90	6,79	0,33
Engenharias e C. da Computação	1.827	3.050	1.282	12,64	11,02	4,63
Linguística, Letras e Artes	679	1.087	27	4,70	3,93	0,10
Tecnologias	0	881	131	0,00	3,18	0,47
Outra	55	303	64	0,38	1,09	0,23

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Pibiti

Tabela 2.2.1 - Número total de bolsas-ano de Pibiti por ano e UF

UF	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	153	411	540	1.401	2.590	2.956	3.392
AC	2	5	6	11	17	19	19
AL	4	11	15	19	25	34	38
AM	-	-	-	9	24	18	35
AP	-	-	-	-	-	1	3
BA	11	28	33	76	131	148	152
CE	8	20	27	52	97	106	117
DF	-	-	-	14	28	41	79
ES	3	9	10	24	41	35	36
GO	2	7	13	43	79	90	98
MA	-	5	4	8	19	12	30
MG	8	26	37	129	263	303	355
MS	-	-	-	12	27	34	40
MT	-	1	4	21	41	48	48
PA	-	1	5	8	18	21	26
PB	4	11	13	49	97	117	133
PE	-	0	5	24	60	73	79
PI	-	1	5	8	17	20	20
PR	20	53	74	167	291	329	345
RJ	36	100	104	208	362	378	463
RN	4	11	17	41	72	80	71
RO	-	-	-	3	10	8	8
RR	-	-	-	-	1	5	5
RS	13	35	52	163	322	378	424
SC	4	12	18	74	141	180	220
SE	-	-	-	13	31	43	65
SP	33	77	98	220	365	416	465
TO	-	-	-	3	9	17	17

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 2.2.2 - Número total de bolsas-ano de Pibiti por ano e região

Região	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	153	411	540	1.401	2.590	2.956	3.392
Centro-Oeste	2	8	17	91	176	214	265
Nordeste	32	86	120	290	549	632	705
Norte	2	6	11	34	78	89	114
Sudeste	80	212	249	582	1.031	1.133	1.320
Sul	37	99	143	404	755	887	988

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 2.2.3 - Número total de bolsas-ano de Pibiti por ano e grande área do conhecimento

Grande área do conhecimento	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	153	411	540	1.401	2.590	2.956	3.392
Ciências Agrárias	12	35	60	224	463	580	623
Ciências Biológicas	14	50	73	152	258	283	333
Ciências da Saúde	8	20	31	83	156	193	252
Ciências Exatas e da Terra	31	88	112	230	385	424	492
Ciências Humanas	5	11	12	32	70	89	95
Ciências Sociais Aplicadas	4	9	11	37	71	75	92
Engenharias e Ciência da Computação	78	189	226	580	1.054	1.145	1.282
Linguística, Letras e Artes	1	4	5	13	31	37	27
Não informado	-	-	-	1	-	-	-
Outra	1	5	10	49	102	83	64
Tecnologias	-	-	-	-	2	46	131

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 2.2.4 - Número total de bolsas-ano de Pibiti por ano e sexo

Ano	Masculino	Feminino	Não Informado	Total
2007	96	56	1	153
2008	249	161	1	411
2009	306	234	-	540
2010	763	638	-	1.401
2011	1.369	1.221	-	2.590
2012	1.512	1.444	-	2.956
2013	1.708	1.684	-	3.392

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 2.2.5 - Número de bolsas-ano Pibiti por categoria administrativa da IES

Ano	Privada	Público		
		Federal	Estadual	Municipal
2007	14	23	116	-
2008	36	64	312	-
2009	41	86	413	-
2010	166	246	990	-
2011	351	485	1.755	-
2012	421	537	1.994	5
2013	580	568	2.222	22

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Outras Informações

Rotatividade

Tabela 3.0.1 - Indicador de rotatividade anual do Pibic

2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
1,72	1,68	1,79	1,80	1,80	1,79	1,83	1,86	1,87	1,87	1,87	1,89	1,92

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 3.0.2 - Indicador de rotatividade anual do Pibic por UF

UF	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	1,72	1,68	1,79	1,80	1,80	1,79	1,83	1,86	1,87	1,87	1,87	1,89	1,92
AC	1,88	1,46	1,61	1,70	1,89	1,79	1,76	2,05	2,10	1,94	2,10	2,41	1,89
AL	1,71	1,69	1,71	1,81	1,78	1,83	1,98	1,98	1,85	1,96	1,86	1,87	1,86
AM	1,85	1,82	1,79	1,90	1,94	1,80	1,89	1,93	1,94	2,02	1,99	1,97	1,97
AP	-	-	3,18	1,57	1,71	2,03	1,86	1,56	2,03	1,85	1,90	1,81	1,84
BA	1,76	1,71	1,79	1,85	1,72	1,76	1,83	1,87	1,92	1,88	1,89	1,93	1,99
CE	1,63	1,58	1,72	1,74	1,63	1,69	1,69	1,75	1,76	1,81	1,76	1,82	1,87
DF	1,74	1,76	1,89	1,74	1,87	1,81	1,86	1,91	1,91	1,89	1,93	1,92	2,02
ES	1,84	1,76	1,89	1,80	1,91	1,93	1,93	2,00	1,88	1,89	1,98	1,92	1,93
GO	1,74	1,80	1,88	1,83	1,80	1,82	1,87	1,93	1,90	1,85	1,85	1,87	1,90
MA	1,71	1,62	1,85	1,73	1,84	1,76	1,74	1,91	1,79	1,83	1,86	1,82	1,81
MG	1,73	1,65	1,79	1,81	1,80	1,78	1,86	1,86	1,84	1,86	1,84	1,88	1,91
MS	1,70	1,76	1,76	1,83	1,96	1,91	2,02	1,92	1,88	1,89	1,84	1,84	1,87
MT	1,60	1,76	1,98	1,71	1,75	1,76	1,96	1,83	2,00	1,87	1,89	1,86	1,94
PA	1,69	1,60	1,73	1,74	1,73	1,72	1,81	1,77	1,82	1,73	1,83	1,87	1,86
PB	1,70	1,62	1,74	1,68	1,71	1,68	1,74	1,82	1,81	1,83	1,82	1,83	1,89

UF	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
PE	1,67	1,61	1,79	1,80	1,82	1,80	1,80	1,86	1,84	1,87	1,85	1,87	1,91
													Continua
PI	1,72	1,82	1,77	1,82	1,87	1,82	2,03	1,84	1,97	1,81	1,86	1,85	1,91
PR	1,75	1,67	1,86	1,87	1,88	1,87	1,84	1,92	1,94	1,88	1,89	1,92	1,96
RJ	1,68	1,64	1,74	1,76	1,76	1,80	1,78	1,87	1,83	1,86	1,84	1,82	1,92
RN	1,69	1,63	1,66	1,78	1,73	1,70	1,77	1,80	1,84	1,85	1,79	1,85	1,89
RO	1,68	1,63	1,84	1,92	1,96	1,85	1,83	1,99	1,91	2,03	1,96	1,97	1,91
RR	-	-	2,38	1,42	1,84	1,90	1,87	2,14	1,71	1,83	1,77	1,84	1,90
RS	1,61	1,67	1,72	1,74	1,70	1,66	1,71	1,75	1,76	1,80	1,81	1,88	1,87
SC	1,72	1,73	1,71	1,84	1,79	1,75	1,91	1,87	1,88	1,92	1,88	1,92	1,95
SE	1,86	1,65	1,88	1,73	1,81	1,88	2,00	1,98	1,99	1,98	1,88	1,90	1,92
SP	1,79	1,73	1,83	1,85	1,85	1,86	1,88	1,89	1,91	1,91	1,93	1,94	1,97
TO	1,93	1,75	1,88	2,05	1,95	2,00	1,97	2,06	1,95	1,86	1,90	1,85	1,85

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 3.0.3 - Indicador de rotatividade anual do Pibic por região do Pibic

Região	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	1,72	1,68	1,79	1,80	1,80	1,79	1,83	1,86	1,87	1,87	1,87	1,89	1,92
Centro-Oeste	1,72	1,77	1,88	1,76	1,85	1,82	1,91	1,90	1,92	1,88	1,89	1,89	1,95
Nordeste	1,69	1,63	1,75	1,77	1,74	1,75	1,80	1,84	1,85	1,86	1,83	1,86	1,90
Norte	1,77	1,68	1,77	1,80	1,84	1,78	1,85	1,87	1,89	1,86	1,90	1,92	1,89
Sudeste	1,74	1,68	1,80	1,81	1,81	1,82	1,84	1,88	1,87	1,88	1,88	1,89	1,94
Sul	1,67	1,68	1,76	1,80	1,78	1,74	1,79	1,83	1,84	1,85	1,85	1,90	1,92

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Tabela 3.0.4 - Número total de matrículas de mestrado por ano e região

Região	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Total	62.353	63.990	66.951	69.190	73.805	79.050	84.356	88.295	93.016	98.611	105.240	109.515
Centro-Oeste	3.165	3.322	3.787	4.091	4.460	5.172	5.669	5.981	6.375	7.154	7.917	8.668
Nordeste	7.072	7.694	8.291	8.894	9.836	11.086	12.302	13.559	14.992	16.753	18.459	19.610
Norte	932	1.220	1.574	1.855	2.192	2.683	3.208	3.405	3.737	4.188	4.683	4.771
Sudeste	39.735	39.941	40.658	40.584	42.684	44.453	46.679	47.823	49.192	50.428	52.682	54.123
Sul	11.449	11.813	12.641	13.766	14.633	15.656	16.498	17.527	18.720	20.088	21.499	22.343

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE). Elaboração CGEE

Matrículas de Graduação

Tabela 3.1.1 - Matrículas em Cursos de Graduação Presenciais por grande área do conhecimento

Grande área	2001	2012	% de Crescimento
Total	3.027.333	5.901.306	94,93
Ciências Agrárias	74.422	183.332	146,34
Ciências Biológicas	83.530	177.347	112,32
Ciências da Saúde	340.564	767.948	125,49
Ciências Exatas e da Terra	73.749	76.796	4,13
Ciências Humanas	313.449	381.967	21,86
Ciências Sociais Aplicadas	1.223.536	2.381.819	94,67
Engenharias e Ciência da Computação	265.907	814.217	206,2
Linguística, Letras e Artes	56.187	45.211	-19,53
Tecnologias	103.345	281.233	172,13
Outra	492.644	791.436	60,65

Fonte: INEP

Tabela 3.1.2 - Matrículas em Cursos de Graduação Presenciais por Regiões e Unidades da Federação do Brasil

Região	2001	2013
Brasil	3.030.754	6.152.405
Norte	141.892	423.565
Rondônia	17.078	45.590
Acre	7.103	21.659
Amazonas	40.553	137.179
Roraima	4.678	20.475
Pará	53.450	125.385
Amapá	7.179	26.027
Tocantins	11.851	47.250
Nordeste	460.315	1.287.552
Maranhão	33.656	109.409
Piauí	33.455	93.041
Ceará	63.429	202.079
Rio grande do Norte	41.108	110.864
Paraíba	41.946	117.103
Pernambuco	97.667	220.723
Alagoas	26.875	79.276
Sergipe	22.112	65.630
Bahia	100.067	289.427

Continua

Região	2001	2013
Sudeste	1.566.610	2.903.089
Minas Gerais	269.019	631.238
Espírito Santo	52.372	109.216
Rio de Janeiro	346.576	518.710
São Paulo	898.643	1.643.925
Sul	601.588	962.684
Paraná	208.382	360.424
Santa Catarina	134.948	224.210
Rio grande do Sul	258.258	378.050
Centro-Oeste	260.349	575.515
Mato Grosso do Sul	47.475	79.756
Mato Grosso	44.622	117.257
Goiás	88.923	201.515
Distrito Federal	79.329	176.987

Fonte: INEP

Tabela 3.1.3 - Matrículas em Cursos de Graduação Presenciais por grande área do conhecimento e categoria administrativa da IES

Grande área	2001		2012		% de Crescimento	
	Pública	Privada	Pública	Privada	Pública	Privada
Ciências Agrárias	46.677	27.745	113.612	69.720	143,40	151,29
Ciências Biológicas	30.997	52.533	46.857	130.490	51,17	148,40
Ciências da Saúde	90.588	249.976	148.641	619.307	64,08	147,75
Ciências Exatas e da Terra	52.618	21.131	65.558	11.238	24,59	-46,82
Ciências Humanas	136.630	176.819	140.677	241.290	2,96	36,46
Ciências Sociais Aplicadas	215.414	1.008.122	321.052	2.060.767	49,04	104,42
Engenharias e Ciência da Computação	112.045	153.862	221.367	592.850	97,57	285,31
Linguística, Letras e Artes	30.088	26.099	29.174	16.037	-3,04	-38,55
Tecnologias	20.983	80.981	80.255	200.978	282,48	148,18
Outra	201.430	291.214	418.554	372.882	107,79	28,04

Fonte: INEP

Tabela 3.1.4 - Matrículas em Cursos de Graduação Presenciais por grande área do conhecimento e categoria administrativa da IES

Grande área	2001				2012			
	Pública			Privada	Pública			Privada
	Federal	Estadual	Municipal		Federal	Estadual	Municipal	
Ciências Agrárias	31.567	14.070	1.040	27.745	79.010	33.127	1.475	69.720
Ciências Biológicas	22.085	7.852	1.060	52.533	34.931	11.131	795	130.490
Ciências da Saúde	58.032	27.162	5.394	249.976	99.883	42.407	6.351	619.307
Ciências Exatas e da Terra	38.430	13.808	380	21.131	51.702	13.672	184	11.238
Ciências Humanas	64.786	66.505	5.339	176.819	73.465	62.885	4.327	241.290
Ciências Sociais Aplicadas	114.765	66.792	33.857	1.008.122	187.134	105.717	28.201	2.060.767
Engenharias e Ciência da Computação	66.510	36.981	8.554	153.862	150.557	64.688	6.122	592.850
Linguística, Letras e Artes	19.333	9.663	1.092	26.099	16.966	12.126	82	16.037
Tecnologias	9.751	9.662	1.570	80.981	51.055	27.884	1.316	200.978
Outra	76.944	103.546	20.940	291.214	231.768	173.418	13.368	372.882

Fonte: INEP

Tabela 3.1.5 - Número de bolsas Pibic por mil matriculados na graduação por grande área do conhecimento

Grande área	2001	2012
Total	4,76	4,15
Ciências Agrárias	35,80	18,56
Ciências Biológicas	27,08	20,86
Ciências da Saúde	5,54	5,12
Ciências Exatas e da Terra	27,82	40,15
Ciências Humanas	6,46	9,46
Ciências Sociais Aplicadas	0,81	0,79
Engenharias e Ciência da Computação	6,87	3,84
Linguística, Letras e Artes	12,09	25,71
Outra	0,01	0,52
Tecnologias	-	0,54

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE) e INEP. Elaboração CGEE

Tabela 3.1.6 - Número de bolsas por mil matriculados na graduação por grande área do conhecimento

Grande área	2001	2012
Total	6,19	5,32
Ciências Agrárias	42,13	25,00
Ciências Biológicas	37,11	26,89
Ciências da Saúde	7,13	5,73
Ciências Exatas e da Terra	31,96	59,69
Ciências Humanas	8,84	10,67
Ciências Sociais Aplicadas	1,14	0,89
Engenharias e Ciência da Computação	10,09	5,89
Linguística, Letras e Artes	15,21	27,87
Outra	-	0,70
Tecnologias	0,01	0,74

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE) e INEP. Elaboração CGEE

Tabela 3.1.7 - Número de bolsas Pibic por mil matriculados na graduação por Unidade da Federação

UF	2001	2013
Norte	5,20	3,81
Rondônia	1,99	1,89
Acre	5,84	4,16
Amazonas	6,89	3,17
Roraima	0,00	3,34
Pará	6,66	5,55
Amapá	38,94	16,72
Tocantins	2,32	3,48
Nordeste	6,89	4,32
Maranhão	4,28	2,60
Piauí	1,91	2,98
Ceará	8,90	4,51
Rio grande do Norte	10,92	5,24
Paraíba	13,61	7,10
Pernambuco	6,69	4,87
Alagoas	6,89	4,37
Sergipe	5,20	4,02
Bahia	4,24	3,44
Sudeste	4,36	3,57
Minas Gerais	5,89	3,65
Espírito Santo	2,55	2,42
Rio de Janeiro	6,54	5,99
São Paulo	3,16	2,86
Sul	4,40	4,55
Paraná	3,82	4,17
Santa Catarina	3,75	3,60
Rio grande do Sul	5,21	5,48
Centro-Oeste	4,11	4,11
Mato Grosso do Sul	2,86	5,73
Mato Grosso	3,38	2,84
Goiás	2,25	2,52
Distrito Federal	7,37	6,03

Fonte: Plataforma Aquarius (MCTI/CGEE) e INEP. Elaboração CGEE